

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O GUARDA

KIERA CASS

SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





O GUARDA

KIERA CASS

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

— Acorde, Leger.

— Dia de folga — balbuciei, cobrindo a cabeça com o cobertor.

— Ninguém está de folga hoje. Levante e eu explico.

Suspirei. Geralmente ficava empolgado para trabalhar. A rotina, a disciplina, a sensação de dever cumprido no final do dia: amava tudo isso. Mas aquele dia era outra história.

A festa de Halloween da noite anterior tinha sido minha última chance. Quando America e eu dançamos, e ela me contou que Maxon estava distante, consegui um minuto para lembrá-la da nossa história... e pude sentir. Os laços que nos ligavam ainda estavam lá. Talvez frouxos pelo desgaste da Seleção, mas ainda presos.

“Me diga que vai esperar por mim”, eu implorara.

Ela não respondeu, mas não perdi a esperança.

Não até ele aparecer, caminhando na direção dela, exalando charme, riqueza e poder. Estava acabado. Eu tinha perdido.

O que quer que Maxon tenha sussurrado no ouvido dela na pista de dança foi o bastante para varrer todas as preocupações de sua cabeça. Ela se agarrou a ele, canção após canção, olhando-o nos olhos como costumava olhar nos meus.

Então talvez eu tenha bebido um pouco demais enquanto testemunhava a cena. E talvez aquele vaso do vestíbulo tenha quebrado porque eu o arremessei. E talvez eu tenha abafado meus gritos mordendo o travesseiro para Avery não ouvir.

A julgar pelas palavras de Avery naquela manhã, provavelmente Maxon a havia pedido em casamento na noite anterior, e nós todos teríamos de ficar a postos durante o anúncio oficial.

Como eu iria encarar aquela situação? Como poderia ficar lá e protegê-los? Ele daria a ela uma aliança que eu jamais poderia comprar, uma vida que eu jamais poderia oferecer... e eu o odiaria até meu último suspiro por isso.

Me sentei na cama, mas mantive os olhos no chão.

— O que houve? — perguntei. Minha cabeça latejava a cada sílaba.

— Uma coisa ruim. Muito ruim.

Franzi a testa e levantei os olhos. Avery estava sentado na cama dele, abotoando a camisa. Nossos olhares se cruzaram e notei sua preocupação.

— Como assim? O que aconteceu?

Se fosse algum drama bobo porque ninguém conseguia encontrar as toalhas de mesa da cor certa ou algo do tipo, eu voltaria para a cama. Avery respirou fundo.

— Você conhece Woodwork? Um cara simpático, que sorri o tempo todo?

— Sim. Às vezes fazemos a ronda juntos. Ele é legal.

Woodwork antes era um Sete, e fizemos amizade logo de cara porque ambos tínhamos famílias grandes e pais já falecidos. Ele trabalhava duro; era evidente que merecia a nova casta.

— Por quê? Qual o problema? — perguntei.

Avery parecia atordoado.

— Ele foi flagrado ontem à noite com uma das garotas da Elite.

Gelei.

— O quê? Como?

— As câmeras. Havia jornalistas tirando fotos casuais das pessoas que circulavam pelo palácio, e um deles escutou ruídos atrás de uma porta. Quando abriu, deu com Woodwork e a senhorita Marlee.

— Mas é... — quase disse “a melhor amiga de America”, mas me segurei a tempo de completar — loucura.

— Nem me diga — Avery concordou enquanto pegava as meias e continuava a se aprontar. — Ele parecia tão esperto. Deve ter bebido demais.

Provavelmente sim, mas eu duvidava que essa fosse a razão para o que tinha acontecido. Woodwork era inteligente; queria cuidar da família tanto quanto eu. O único motivo que o levaria a arriscar ser pego era o mesmo que me levava a fazer exatamente a mesma coisa: ele devia amar Marlee desesperadamente.

Massageei as têmporas na tentativa de dissipar a dor de cabeça. Não podia passar mal naquele momento, não com algo tão grande acontecendo. Meus olhos se arregalaram assim que entendi o que aquilo significava.

— Eles vão... Eles vão matá-los? — perguntei baixinho, como se falar em voz alta pudesse lembrar a todos como o palácio lidava com traidores.

Avery negou com a cabeça, e senti meu coração voltar a bater.

— Vão açoitá-los. As outras garotas da Elite, assim como suas famílias, estarão na primeira fila. As estruturas já foram montadas do lado de fora do palácio, por isso estamos todos em serviço. Vista o uniforme.

Ele se levantou e, antes de sair, comentou, olhando para trás:

— E tome um café antes de se apresentar. Pela sua cara, parece que é você quem vai ser açoitado.

O terceiro andar e o quarto eram altos o suficiente para que a vista alcançasse além das muralhas espessas que protegiam o palácio do resto do mundo. Assim, rapidamente segui para uma janela ampla no

quarto andar. Olhei para baixo e vi os assentos da família real e da Elite, bem como o palanque para Marlee e Woodwork. Aparentemente, muitos dos guardas e funcionários do palácio tiveram a mesma ideia que eu: próximos à janela também estavam dois outros guardas e um mordomo de uniforme engomado, contrastando com o rosto enrugado de preocupação. Assim que as portas do palácio se abriram e as garotas e suas famílias caminharam em direção à multidão que gritava entusiasmada, duas criadas surgiram correndo atrás de nós. Reconheci as duas — Lucy e Mary — e abri espaço para elas ao meu lado.

— Anne vem? — perguntei.

— Não — Mary respondeu. — Não achou certo vir com tanto trabalho a fazer.

Concordei com a cabeça. Era o jeito dela.

Eu topava com as criadas de America o tempo todo, já que montava guarda à sua porta durante a noite. Sempre tentei ser profissional no palácio, mas tendia a deixar a formalidade um pouco de lado quando me relacionava com elas. Queria conhecer as pessoas que cuidavam da minha menina; a meu ver, eu tinha uma dívida eterna com elas por tudo o que fizeram por America.

Olhei para Lucy e reparei que ela retorcia as mãos, inquieta. Apesar do meu pouco tempo de palácio, já tinha percebido que, quando ela ficava estressada, sua ansiedade ficava evidente em uma dúzia de tiques nervosos. O treinamento do exército me ensinara a prestar mais atenção nas pessoas que adentravam o palácio demonstrando nervosismo. Mas eu sabia que Lucy não representava ameaça nenhuma e, quando a via conturbada, sentia necessidade de protegê-la.

— Você tem certeza de que quer ver isso? — cochichei para ela. — Vai ser horrível.

— Eu sei. Mas gostava muito da senhorita Marlee — ela respondeu, também baixinho. — Sinto obrigação de ficar aqui.

— Ela já não é uma senhorita — comentei, certo de que ela seria jogada na casta mais baixa possível.

Lucy pensou por um instante.

— Qualquer garota que arrisca a vida por alguém que ama com certeza merece ser chamada de senhorita.

— Você tem razão — eu disse, sorrindo. Observei enquanto as mãos de Lucy se acalmavam e, por uma fração de segundo, um sorriso se abriu em seu rosto.

Os vivas da multidão se transformaram em gritos de desprezo quando Marlee e Woodwork passaram cambaleando pela trilha de cascalho até a clareira aberta diante dos portões do palácio. Os guardas os conduziam aos empurrões. Ao ver o modo como Woodwork caminhava, supus que ele já tivesse levado uma surra.

Não dava para ouvir as palavras, mas observamos seus crimes serem anunciados a todos. Concentrei-me em America e em sua família. May parecia estar se esforçando para não desabar, com os braços em volta da barriga, defensivamente. A expressão no rosto do senhor Singer era de desconforto, mas serena. Meri parecia apenas confusa. Desejei que pudesse abraçá-la e dizer que tudo ia ficar bem sem que eu mesmo acabasse num cidadão falso.

Lembrei do dia em que vi Jemmy ser açoitado por roubo. Se pudesse, teria trocado de lugar com

ele sem hesitar. Ao mesmo tempo, lembrei do imenso alívio que senti por nunca ter sido pego nas poucas vezes em que roubei. Imaginava que America devia sentir o mesmo naquele momento: desejava que Marlee não precisasse passar por isso, mas estava grata por não sermos nós.

Quando as varas baixaram sobre os condenados, Mary e Lucy pularam assustadas, embora não conseguíssemos escutar nada além da multidão. As pausas entre os golpes só serviam para que Woodwork e Marlee se sentissem o máximo de dor: antes que a ardência passasse, uma nova pancada vinha e queimava mais fundo. Fazer as pessoas sofrerem é uma arte — e o palácio parecia tê-la dominado.

Lucy cobriu o rosto com as mãos e chorou baixinho, enquanto Mary a abraçava para recomfortá-la.

Eu estava prestes a fazer o mesmo quando um vulto ruivo chamou minha atenção.

O que ela estava fazendo? Lutando contra o guarda?

Senti meu corpo entrar em conflito. Queria correr até lá e botá-la de volta em seu lugar, mas também queria pegar sua mão e levá-la embora dali. Queria encorajá-la e, ao mesmo tempo, suplicar que parasse. Aquela não era a hora nem o lugar de atrair atenção para si.

Vi America saltar a grade, a cauda do vestido esvoaçando enquanto ela caía. Foi quando ela se recompôs da queda que percebi que ela não estava tentando fugir daquele pesadelo que se desenrolava diante de seus olhos. Em vez disso, foi em direção aos degraus que levavam até Marlee.

Meu peito se encheu de orgulho e medo.

— Ah, céus! — Mary exclamou.

— Sente-se, senhorita! — Lucy suplicou, com as mãos coladas na janela.

America corria. Perdeu um sapato no caminho, mas se recusava a desistir.

— Sente-se, senhorita America! — berrou um dos guardas ao meu lado.

Ela alcançou o primeiro degrau da plataforma. Minha cabeça ardia com o sangue que pulsava.

— Tem câmeras por toda parte! — gritei para ela através do vidro.

Um guarda finalmente a apanhou e a prensou contra o chão. Ela resistiu e ainda tentou lutar. Desviei o olhar para os membros da realeza: os três tinham os olhos cravados na garota ruiva que se debatia no chão.

— É melhor vocês voltarem para o quarto dela — falei para Mary e Lucy. — Ela vai precisar de vocês.

Ambas se retiraram correndo.

— Vocês dois — me dirigi aos guardas. — Vão lá para baixo e certifiquem-se de que não estão precisando de mais ajuda. Não dá para saber quantas pessoas assistiram tudo isso e ficaram abaladas.

Eles saíram às pressas, rumo ao primeiro andar. Eu queria estar ao lado de America, ir ao seu quarto naquele mesmo segundo. Mas sob aquelas circunstâncias, sabia que o melhor era ser paciente. Era mais seguro que ela ficasse a sós com as criadas.

Na noite anterior, tinha pedido a America que me esperasse, imaginando que ela voltaria para casa antes de mim. Mais uma vez esse pensamento tomou conta da minha mente. Será que o rei toleraria aquilo?

Eu sofria tentando respirar, pensar e processar os acontecimentos ao mesmo tempo.

— Magnífico — sussurrou o mordomo. — Quanta coragem.

Ele se afastou da janela e voltou ao trabalho, e eu fiquei me perguntando se ele se referia ao casal no palanque ou à garota de vestido sujo. A punição chegara ao fim. Permaneci ali, na tentativa de entender tudo o que acontecera. A família real se retirou, a multidão se dispersou e alguns guardas ficaram encarregados de levar os dois corpos exaustos que, mesmo inconscientes, pareciam inclinar-se um na direção do outro.



Lembrei dos dias em que esperava ansiosamente para correr até a casa da árvore e os ponteiros do relógio pareciam andar para trás. A situação, porém, era mil vezes pior. Eu *sabia* que havia algo errado. *Sabia* que ela precisava de mim. E não podia ir até ela.

O melhor que podia fazer era trocar de posto com o guarda escalado para vigiar a porta dela naquela noite. Enquanto a noite não caísse para que eu pudessevê-la novamente, teria de me enterrar em trabalho.

Estava indo para a cozinha, para finalmente tomar café da manhã, quando ouvi as queixas.

— Quero ver a minha filha!

Nunca tinha ouvido tanto desespero na voz do senhor Singer.

— Sinto muito, senhor. Por motivos de segurança, precisamos tirá-lo do palácio agora — um guarda respondeu. Lodge, pela voz.

Espiei o canto de onde vinham as vozes e, de fato, lá estava Lodge tentando acalmar o senhor Singer.

— Mas vocês nos mantiveram enjaulados desde aquele espetáculo horrendo. Minha filha foi arrastada para cá e não a vi mais! Querovê-la!

Assumi um ar determinado e interfei na conversa:

— Permita que eu cuide disso, soldado Lodge.

Lodge assentiu e se afastou. Na maioria das vezes em que eu agia como quem estava no controle, as pessoas me davam ouvidos. Era simples e eficaz.

Assim que Lodge sumiu pelo corredor, me aproximei do senhor Singer.

— O senhor não pode falar assim por aqui. Não viu o que acabou de acontecer? E tudo por causa de um beijo e um vestido desabotoado.

O pai de America concordou com a cabeça e passou a mão pelo cabelo.

— Eu sei. Sei que você está certo. Não acredito que a obrigaram a assistir aquilo. Não acredito que obrigaram *May* a assistir aquilo.

— Se serve de consolo, as criadas da America são muito dedicadas, e tenho certeza de que estão cuidando bem dela. Não há notícias de que ela tenha dado entrada na ala hospitalar, então talvez não

tenha se machucado. Pelo menos não fisicamente. Até onde eu sei — Deus, como odiava dizer aquilo em voz alta —, ela é a preferida do príncipe Maxon.

O senhor Singer abriu um leve sorriso, que não se refletia em seus olhos.

— É verdade.

Lutei com todas as forças para não perguntar tudo o que ele sabia.

— Estou certo de que ele será bastante paciente com America enquanto ela estiver lidando com essa perda.

Ele concordou e depois murmurou, como se falasse para si mesmo:

— Esperava mais dele.

— Senhor?

Ele respirou fundo e se recompondo.

— Nada — o senhor Singer disse, e então deu uma olhada no palácio, mas não pude distinguir se era um olhar de admiração ou desprezo.

— Sabe, Aspen, America nunca acreditaria se eu dissesse que ela é boa o suficiente para este lugar. Em certo sentido, ela está certa. Ela é boa demais para isso.

— Shalom?

O senhor Singer e eu olhamos para trás e nos deparamos com a senhora Singer e May dobrando a esquina do corredor com as malas.

— Estamos prontas. Você viu America?

May se afastou da mãe e correu para se aconchegar na perna do pai. Ele a envolveu com o braço de maneira protetora.

— Não. Mas Aspen vai garantir que ela fique bem.

Eu não tinha dito nada do gênero, mas nossas famílias eram muito próximas e ele sabia que eu faria isso. É claro que faria.

A senhora Singer me deu um abraço rápido.

— Não tenho palavras para descrever como é reconfortante saber que você está aqui, Aspen. Você é mais inteligente que todos os outros guardas juntos.

— Não os deixe ouvir isso — brinquei. Ela sorriu e se afastou.

May correu até mim, e me abaixei para ficarmos na mesma altura.

— Aqui vão uns abraços extras. Você poderia ir até a minha casa e repassá-los para minha família?

Ela fez que sim com a cabeça. Esperei May me soltar, mas ela não o fez. De repente, levou os lábios ao meu ouvido:

— Não deixe ninguém machucá-la.

— Jamais.

Ela apertou mais forte. Fiz o mesmo, com um desejo enorme de protegê-la do mundo à sua volta.

May e America tinham mais semelhanças do que elas mesmas percebiam. Só que May ainda não havia desenvolvido uma armadura. Ninguém a protegia do mundo além dela mesma. America era poucos meses mais velha do que May quando começamos a namorar; ela tomara uma decisão que muita gente mais velha do que nós não tinha coragem de enfrentar. Mas enquanto America tinha consciência

do mal ao seu redor, das consequências que viriam se as coisas dessem errado, May vivia praticamente alheia ao que existia de pior no mundo.

Tive medo de que um pouco dessa inocência tivesse sido roubada naquele dia.

May enfim me soltou. Levantei e estendi a mão para o senhor Singer. Ele a tomou e falou serenamente:

— Fico contente por ela ter você. É como se tivesse um pedaço de casa.

Nossos olhares se cruzaram, e mais uma vez tive o ímpeto de perguntar o que ele sabia. Imaginava que, no mínimo, ele suspeitava de algo. O olhar do senhor Singer permaneceu firme, mas eu tinha sido treinado para procurar segredos nos rostos das pessoas. Não podia sequer imaginar o que ele escondia de mim, mas sem dúvida havia alguma coisa.

— Cuidarei dela, senhor.

Ele abriu um sorriso.

— Sei que vai. Cuide de si mesmo também. Há quem diga que este posto é mais perigoso que a Nova Ásia. Queremos que você volte para casa são e salvo.

Fiz que sim com a cabeça. Dentre milhões de palavras, o senhor Singer parecia sempre escolher aquelas que faziam você se sentir especial, importante.

— Nunca fui tratado com tanta grosseria — veio um resmungo do corredor. — E justo no palácio!

Nossas cabeças se viraram ao mesmo tempo. Aparentemente, os pais de Celeste também não tinham recebido com agrado a ordem de partir. A mãe dela arrastava uma mala enorme e concordava com o marido, jogando o cabelo para trás de tempos em tempos. Parte de mim quis se aproximar e oferecer um grampo de cabelo.

— Ei, você aí! — o senhor Newsome me chamou. — Venha pegar estas malas — ele ordenou, soltando a bagagem no chão.

O senhor Singer disparou:

— Ele não é seu criado; está aqui para nos proteger. Você pode carregar suas próprias malas.

O senhor Newsome fez uma cara de enfado e voltou-se para a esposa.

— Não acredito que nossa filhota é obrigada a se relacionar com uma Cinco — apesar de falar baixo, era óbvio que ele queria que todos nós ouvissemos.

— Espero que Celeste não tenha adquirido os maus modos dela. Nossa menina é boa demais para esse lixo — a senhora Newsome comentou, jogando o cabelo para trás mais uma vez. Dava para ver onde Celeste aprendera a afiar as garras. Não que eu esperasse algo diferente de uma Dois.

Eu não conseguia desviar os olhos da felicidade maligna no rosto da senhora Newsome, até que ouvi um som abafado perto de mim: era May, chorando agarrada à mãe. Como se aquele dia já não estivesse difícil o suficiente.

— Boa viagem, senhor Singer — sussurrei. Ele respondeu com um aceno e acompanhou o resto da família até a porta da frente. Os carros já os esperavam. America iria odiar não ter podido se despedir.

Me aproximei do senhor Newsome e falei:

— Não se incomode com ele, senhor Newsome. Deixe sua bagagem aqui. Vou providenciar para que cuidem dela.

— Bom garoto — ele elogiou, me deu um tapinha nas costas, ajeitou a gravata e arrastou a esposa dali.

Assim que os dois saíram, fui até a mesa próxima à entrada e tirei uma caneta da gaveta. Não havia como sair impune se fizesse aquilo duas vezes, então precisava decidir qual dos Newsome eu odiava mais. Naquele momento era a senhora Newsome, pelo que fizera com May. Abri a mala dela, enfiei a caneta dentro e a quebrei no meio. Fiquei com uma mancha de tinta na mão, mas como havia milhares de dólares em roupas diante de mim para limpá-la, logo me livrei dela. Observei os Newsome entrarem em um dos carros e então joguei a bagagem no porta-malas e me permiti um sorrisinho. Embora tenha sido prazeroso destruir algumas roupas da senhora Newsome, eu sabia que aquilo não a afetaria definitivamente. Ela as substituiria em questão de dias. Já May teria de viver com aquelas palavras na cabeça para sempre.

Eu segurava a tigela perto do peito enquanto levava garfadas de ovos e linguiça à boca, ansioso para ir lá fora. A cozinha estava lotada de guardas e criadas engolindo as refeições antes de os turnos começarem.

— Ele ficou dizendo que a amava o tempo todo — Fry contava. — Eu estava de guarda perto do palanque e pude ouvir durante o evento inteiro. Woodwork continuou falando mesmo depois de ela ter desmaiado.

Duas criadas prestavam atenção a cada palavra. Uma delas baixou a cabeça, triste.

— Como o príncipe pôde fazer isso com eles? Os dois estavam apaixonados.

— O príncipe Maxon é um homem bom. Apenas seguiu o que diz a lei — a outra criada replicou.

— Mas... o tempo todo?

Fry assentiu, em silêncio.

A segunda criada balançou a cabeça e comentou:

— Não foi à toa que a senhorita America tentou socorrê-los.

Dei a volta na grande mesa em direção ao outro lado da cozinha.

— Ela me deu uma joelhada bem forte — Recen acrescentou, fazendo uma careta ao lembrar do ocorrido. — Não pude impedir-a de pular; mal conseguia respirar.

Ri por dentro, embora sentisse pena do cara.

— Essa senhorita America é bem corajosa. O rei poderia tê-la posto no palanque também por uma atitude dessas — disse um jovem mordomo de olhos arregalados e brilhantes, que aparentemente achava tudo aquilo um entretenimento.

Mudei de lugar outra vez, com receio de fazer algo idiota se escutasse mais alguma coisa. Passei por Avery, que apenas acenou. Sua expressão bastou para eu perceber que ele não estava interessado em companhia naquele momento.

— Podia ter sido muito pior — uma criada suspirou.

A colega dela concordou.

— Pelo menos estão vivos.

Era inevitável. Uma dúzia de comentários sobrepuinha-se e misturava-se nos meus ouvidos. Eu estava cercado pelo nome de America, presente nos lábios de quase todo mundo. Em um momento, ficava cheio de orgulho; no outro, mergulhava em raiva.

Se Maxon de fato fosse decente, America nunca teria passado por aquela situação para começo de conversa.



Dei mais um golpe com o machado e parti a madeira. A sensação do sol sobre meu peito era boa, e a ação de destruir algo me ajudava a descarregar minha fúria. Fúria por Woodwork e Marlee, por May e America. Fúria por mim.

Ajeitei outro pedaço de madeira e o golpeei, soltando um berro.

— Você está cortando lenha ou tentando espantar os pássaros? — alguém perguntou.

Virei para trás e avistei um senhor de idade a uns poucos metros dali. Ele puxava um cavalo pela rédea e vestia o uniforme dos funcionários externos do palácio. Apesar do rosto enrugado, a idade não tinha apagado seu sorriso. Tive a sensação de já tê-lo visto antes, mas não me lembava de onde.

— Desculpe. Assustei o cavalo? — perguntei.

— Nada — ele respondeu. — Mas parece que seu dia não está muito bom.

— Bem — eu disse, levantando o machado —, hoje foi difícil para todo mundo.

Dei mais um golpe e parti a madeira ao meio.

— É. Acho que sim — ele concordou enquanto fazia carinho atrás da orelha do cavalo. — Você o conhecia?

Fiz uma pausa antes de responder; não sabia se estava a fim de falar.

— Não muito. Mas tínhamos bastante em comum. Não consigo acreditar no que aconteceu. Não acredito que ele perdeu tudo.

— Ah, tudo não significa nada quando se ama alguém. Especialmente na juventude.

Examinei o homem. Evidentemente, era um dos tratadores de cavalos, e embora eu pudesse estar errado, tendia a achar que ele era mais jovem do que aparentava. Talvez tivesse passado por algo que judiara dele.

— Tem razão — concordei. Eu mesmo não estava disposto a perder tudo por Meri?

— Ele arriscaria tudo novamente. E ela também.

— E eu também — murmurei, cabisbaixo.

— O que disse, filho?

— Nada.

Apoiei o machado nas costas e peguei outro pedaço de madeira, esperando que ele entendesse a indireta.

Em vez disso, escorou no cavalo.

— É normal ficar irritado, mas isso não vai levá-lo a lugar nenhum. Você precisa pensar no que pode aprender com tudo isso. Até agora, parece que só aprendeu a bater em algo que não pode reagir.

Errei o golpe.

— Olha, sei que você quer ajudar, mas estou trabalhando aqui.

— Não vai funcionar. É um monte de raiva desperdiçada.

— Bom, e onde você quer que eu descarregue a raiva? No pescoço do rei? No do príncipe Maxon? No seu? — Acertei um golpe. — Porque isso não está certo. Eles se safam de tudo.

— Quem?

— Eles. Os Um. Os Dois.

— Você é Dois.

Larguei o machado.

— Sou Seis! — bradei, batendo no peito. — Não importa o uniforme com que me vistam, por dentro ainda sou um moleque de Carolina. E isso nunca vai mudar.

Ele balançou a cabeça e puxou o cabresto do cavalo.

— Parece que você precisa de uma namorada.

— Eu tenho namorada! — rebati enquanto ele se afastava.

— Então se abra com ela. Você está cerrando os punhos para a luta errada.



Deixei a água quente cair sobre o corpo com a esperança de que aquele dia também seguisse ralo abaixo. Continuava pensando nas palavras do tratador de cavalos, com mais raiva do que ele dissera do que de qualquer outra coisa.

Eu me abrira com America. Eu sabia pelo que estava lutando.

Me sequei devagar, esperando que a rotina de me vestir colocasse a mente no lugar. O uniforme engomado cobriu minha pele e trouxe consigo uma sensação de propósito e força. Eu tinha trabalho a fazer.

Cada coisa viria em seu tempo e, no final do dia, lá estaria Meri.

Tentei permanecer concentrado enquanto caminhava até o gabinete do rei no terceiro andar. Quando bati à porta, foi Lodge quem abriu. Nos cumprimentamos com um aceno e entrei na sala. Nem sempre me sentia intimidado pelo rei, mas entre aquelas paredes, podia testemunhá-lo mudando milhares de vidas num estalar de dedos.

— E proibiremos as câmeras no palácio até segunda ordem — o rei Clarkson declarou, enquanto um conselheiro tomava notas freneticamente. — Tenho certeza de que as meninas aprenderam uma lição hoje, mas diga a Silvia para trabalhar seu decoro — prosseguiu, sacudindo a cabeça. — Sou incapaz de imaginar o que possuiu aquela garota para que fizesse uma coisa tão idiota. Ela era a favorita.

Talvez a sua favorita, pensei ao cruzar o cômodo. A mesa do rei era ampla e escura, e me aproximei discretamente para apanhar o cesto com as correspondências a serem enviadas.

— Além disso, não tirem o olho da menina que correu.

Apurei os ouvidos. Comecei a caminhar mais devagar.

O conselheiro balançou a cabeça.

— Ninguém sequer a notou, Majestade. Garotas são criaturas muito temperamentais. Caso alguém venha a perguntar, podemos simplesmente culpar suas emoções instáveis.

O rei fez uma pausa e recostou-se na cadeira.

— Talvez. Até Amberly tem seus momentos. Ainda assim, nunca gostei da Cinco. Ela era uma das descartáveis, nem deveria ter chegado tão longe.

O conselheiro concordou, pensativo.

— Por que o senhor simplesmente não a manda para casa? Que tal tramar um motivo para eliminá-la? Com certeza podemos fazer isso.

— Maxon descobriria. Ele vigia essas garotas como um falcão. Mas não importa — disse o rei, voltando a se debruçar sobre a mesa. — Ela claramente não é qualificada, e cedo ou tarde isso virá à tona. Seremos agressivos se necessário. Mudando de assunto, onde está aquela carta dos italianos?

Recolhi a correspondência e fiz uma breve reverência (que passou despercebida) antes de me retirar. Não sabia como encarar a situação. Queria America o mais longe possível do alcance de Maxon. Mas a forma como o rei Clarkson falara da Seleção me fez pensar que havia algo mais naquela história, talvez algo obscuro. Será que America poderia ser vítima de um dos caprichos dele? E, se ela era uma das “descartáveis”, estaria lá de propósito? Trazida com o objetivo de logo ser dispensada? Se sim, será que havia uma garota trazida especialmente para ser escolhida? Ela ainda estava no palácio?

Ao menos já tinha em que pensar quando fosse montar guarda diante da porta de America a noite inteira.

Enquanto caminhava, corria os olhos pela correspondência e lia os endereços.

Na pequena sala de correio, três homens de mais idade separavam as cartas recebidas das enviadas. Havia uma cesta com o rótulo “SELECCIONADAS” que transbordava com cartas de admiradores. Não sabia ao certo quantas delas as garotas tinham chegado a receber.

— E aí, Leger? Como vai? — Charlie perguntou.

— Já estive melhor — confessei ao entregar a correspondência em suas mãos, para não arriscar que se perdesse em uma das pilhas.

— Todos já tivemos dias melhores, não é? Pelo menos os dois estão vivos.

— Você ouviu falar da garota que correu para ajudá-los? — Mertin perguntou, girando na cadeira.

— Não é incrível?

Até Cole se virou para nós. Ele era um cara bem quieto, perfeito para trabalhar no correio, mas também ficou curioso com o assunto.

— É, ouvi — concordei, cruzando os braços.

— O que você acha? — Charlie quis saber.

Dei de ombros. Ao que tudo indicava, a maioria considerava a atitude de America heroica, mas eu sabia que se alguém dissesse isso diante de um devoto ardoroso do rei Clarkson, esse alguém poderia acabar com sérios problemas. Por ora, era melhor ficar neutro.

— Foi tudo muito louco — respondi, deixando que Charlie decidisse se eu usara “louco” no sentido bom ou ruim.

— Sem dúvida — Mertin comentou.

— Preciso fazer minha ronda — falei, encerrando a conversa. — Vejo você amanhã, Charlie — me despedi com uma leve continência.

— Cuide-se — ele respondeu, com um sorriso.

Segui até o final do corredor para pegar meu bastão no armazém, embora não visse sentido naquilo. Preferia o revólver.

Quando subi a escadaria e cheguei ao segundo andar, dei com Celeste vindo em minha direção.

Assim que reconheceu meu rosto, ela mudou todo o porte. Parecia que, diferente da mãe, ela pelo menos era capaz de sentir vergonha.

Ela se aproximou com cautela e parou.

— Soldado.

— Senhorita — disse, com uma reverência.

Seu rosto estava tenso. Ela ficou parada, ponderando as palavras.

— Só queria ter certeza de que você entendeu que nossa conversa ontem foi puramente profissional.

Quase ri na cara dela. Suas mãos podiam ter ficado apenas nas minhas costas e braços, mas não havia como esconder a insinuação em seu toque. Ela também tinha levado as regras ao limite. Depois que lhe contei que tinha sido Seis antes de me tornar soldado, ela sugeriu que eu seguisse a carreira de modelo em vez da militar.

Suas palavras exatas tinham sido: “Somos iguais agora. Se isto aqui não der certo para mim, me procure quando sair”.

Celeste não era o tipo de garota que ficava esperando os outros tomarem uma atitude, então não achava que ela estivesse apegada a mim de modo algum. Também suspeitava que seus lábios estivessem especialmente soltos naquela noite pelo excesso de álcool. Mas de uma coisa eu tinha certeza absoluta: ela não amava Maxon. Nem um pouco.

— Claro — respondi, cuidadoso.

— Só quis dar um conselho para sua carreira. É difícil se adaptar a um salto tão grande de casta. Desejo toda sorte a você, mas quero deixar claro que meu afeto pertence única e exclusivamente ao príncipe Maxon.

Quase a questionei quanto a isso. Quase! Mas vi o desespero em seu olhar misturar-se a um medo avassalador. No fim das contas, acusá-la seria acusar a mim mesmo. Eu sabia que ela não se importava com Maxon, e não tinha certeza se alguma daquelas garotas importava para ele — pelo menos como deveriam —, mas condená-la ou fazer algum tipo de joguinho não nos levaria a nada.

— E eu me dedico totalmente à proteção do príncipe. Tenha uma boa noite, senhorita.

Pude notar a dúvida pairando em seus olhos. Eu sabia que Celeste não estava completamente satisfeita com a minha resposta. Mas nada faria melhor a uma garota como ela do que um pouco de medo.

Respirei fundo e dobrei o corredor em direção ao quarto de America. Estava morrendo de vontade de entrar. Queria abraçá-la, conversar com ela. Parei diante da porta e encostei o ouvido ali. Conseguí ouvir as criadas, o que significava que ela não estava sozinha. Mas depois distingui sua respiração difícil, os soluços de seu choro cansado.

Não conseguia suportar o fato de que ela tinha passado o dia inteiro chorando. Foi a gota d’água.

Eu tinha jurado a seus pais que ela era a preferida de Maxon e que seria recompensada. Se ela ainda estava aos prantos era porque ele não tinha feito nada por ela. Se America não seria minha, então ele deveria tratá-la como uma princesa! Até então, Maxon falhara catastroficamente.

Eu sabia — *sabia* — que ela deveria ser minha.

Bati na porta sem dar a mínima para as consequências. Lucy a abriu e sorriu para mim, esperançosa.

Isso bastou para que eu chegassem à conclusão de que podia ajudar.

— Perdão pelo incômodo, senhoritas, mas ouvi o choro do lado de fora e quis checar se estava tudo bem.

Passei por Lucy delicadamente e me aproximei da cama de America o máximo que minha ousadia permitia. Nossos olhares se encontraram. Ela parecia tão indefesa ali que precisei me controlar para não levá-la para longe daquele lugar.

— Senhorita America, sinto muito por sua amiga. Ouvi dizer que ela era especial. Se precisar de qualquer coisa, estou aqui.

Ela ficou calada, mas notei pelo seu olhar que juntava cada pequena memória dos nossos últimos dois anos e as tecia no futuro que sempre sonháramos ter.

— Obrigada — sua voz soava tímida e esperançosa ao mesmo tempo. — Sua gentileza significa muito para mim.

Abri o mais sutil dos sorrisos, mas meu coração queria saltar para fora. Eu já tinha examinado seu rosto sob os mais variados ângulos, em milhares de momentos roubados. Pelas suas palavras, eu sabia sem dúvida alguma: ela me amava.



America me ama. America me ama. America me ama.

Eu precisava encontrá-la a sós. Daria um pouco de trabalho, mas eu conseguia.

Na manhã seguinte, me aprontei horas antes de meu turno começar. Conferi todo o posicionamento dos guardas, os turnos da limpeza, os horários das refeições da família real, dos soldados e dos funcionários. Estudei aqueles dados até que tudo se juntou na minha cabeça e eu pude ver as lacunas na segurança. Às vezes me perguntava se outros guardas também faziam isso ou se só eu prestava tanta atenção.

Em todo caso, eu tinha um plano. Só precisava avisar America.

Meu posto naquela manhã era no gabinete do rei, onde eu tinha a missão incrivelmente tediosa de guardar sua porta. Eu gostava mais de fazer as rondas, ou pelo menos ficar em uma parte mais aberta do palácio. Para ser sincero, preferia qualquer lugar longe do olhar frio do rei Clarkson.

Observei Maxon tentando trabalhar. Ele parecia distraído naquele dia, sentado em sua mesinha que aparentava ter sido um acréscimo de última hora à sala. Não pude deixar de considerá-lo um idiota por ser tão descuidado com America.

No meio da manhã, Smiths, um soldado antigo do palácio, irrompeu pela porta. Ele se apressou até o rei e fez uma breve reverência.

— Majestade, duas garotas da Elite, senhorita Newsome e senhorita Singer, acabam de brigar.

Todos na sala pararam para encarar o rei.

Ele suspirou.

— Gritando como loucas mais uma vez?

— Não senhor. Elas estão na ala hospitalar. Houve um pouco de sangue.

O rei Clarkson encarou Maxon.

— Sem dúvida a Cinco é responsável por isso. Só pode ser brincadeira sua mantê-la aqui.

Maxon levantou e disse:

— Pai, todas estão com os nervos à flor da pele depois de ontem. Tenho certeza de que estão tendo dificuldade para processar o que aconteceu.

O rei apontou o dedo na cara do filho.

- Se foi ela quem começou, está fora. Você sabe disso.
- E se foi Celeste? — ele rebateu.
- Duvido que uma moça de calibre tão alto se rebaixaria tanto sem ser provocada.
- Ainda assim, o senhor a dispensaria? — Maxon disparou.
- Não foi culpa dela.
- Vou descobrir o que aconteceu. Tenho certeza de que não foi nada de mais.

Minha mente começou a girar. Eu não conseguia entender. Era óbvio que ele não tratava America como ela merecia, então por que estava tão determinado a mantê-la ali? E, se ele falhasse em provar que a culpa não tinha sido dela, eu ainda teria tempo paravê-la antes de partir?

Os rumores corriam depressa pelo palácio. Quase de imediato, fiquei sabendo que Celeste provocou, mas Meri deu o primeiro soco. Juro, queria dar uma medalha à minha garota. Ambas continuariam na competição — aparentemente suas ações se anulavam entre si —, mas parecia que America não tinha ficado animada com a ideia.

Ouvir essas palavras fez meu coração ter ainda mais certeza de que a tinha reconquistado.

Corri para o meu quarto e tentei resolver tudo nos poucos minutos de que dispunha. Rabisquei um bilhete que fosse o mais claro e breve possível. Então segui para o segundo andar e fiquei esperando as criadas de America saírem para comer. Quando entrei em seu quarto, fiquei em dúvida sobre onde deixar o bilhete, mas na verdade havia apenas um lugar onde colocá-lo. Só esperava que ela visse.

Enquanto voltava pelo corredor principal, o destino sorriu para mim. America não parecia sangrar, então fora Celeste quem saiu ferida. Quando ela se aproximou, consegui distinguir um pequeno inchaço em sua cabeça, quase totalmente oculto sob seus cabelos. Apesar disso, vi o entusiasmo em seus olhos no segundo em que ela me notou.

Deus, como eu desejava apenas sentar com ela. Respirei fundo. O autocontrole daquele momento seria recompensado pela privacidade mais tarde.

Parei quando ela chegou perto e fiz uma reverência.

— Jarro.

Me endireitei e saí, mas sabia que ela tinha entendido. Após pensar por um instante, ela quase correu pelo corredor sem olhar para trás.

Sorri, feliz em ver a vida retornar a ela. Aquela era a minha garota.

— Morto? — perguntou o rei. — Pelas mãos de quem?

— Não sabemos ao certo, Majestade. Mas não esperávamos menos dos simpatizantes que foram rebaixados de casta — o conselheiro respondeu.

Ao entrar discretamente para apanhar a correspondência, logo me dei conta de que ele falava da população de Bonita. Mais de trezentas famílias tinham perdido ao menos uma casta por suspeita de apoio aos rebeldes. Aparentemente, não aceitaram a decisão sem lutar.

O rei Clarkson balançou a cabeça antes de, de repente, dar um soco na mesa. Levei um susto, como todos na sala.

— Essas pessoas não veem o que estão fazendo? Destruindo tudo que trabalhamos para construir, e para quê? Para defenderem uma causa correndo o risco de fracassar? Ofereci segurança a eles. Ofereci ordem. E eles se rebelam!

Claro que um homem que tinha tudo o que poderia querer ou precisar não entendia por que uma pessoa comum gostaria de ter as mesmas oportunidades.

Quando fui recrutado, fiquei ao mesmo tempo animado e aterrorizado. Sabia que muitos consideravam o recrutamento uma sentença de morte. Mas pelo menos meu futuro seria mais emocionante do que os serviços burocráticos e domésticos que eu encararia se permanecesse em Carolina. Além do mais, minha vida já não era mais a mesma depois da partida de America.

O rei levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Essas pessoas precisam ser detidas. Quem governa Bonita agora?

— Lamay. Ele decidiu realocar a família dele por enquanto e começou a preparar o funeral do ex-governador Sharpe. Parece orgulhoso com seu novo cargo, apesar dos obstáculos.

O rei ergueu a mão.

— Ái está. Um homem que aceita seu fardo e cumpre seu dever visando o bem comum. Por que todos não são assim?

Cheguei perto do rei para pegar as cartas. Ele ainda falava:

— Mande Lamay eliminar qualquer suspeito do assassinato imediatamente. Mesmo se ele errar o alvo, o aviso estará dado. E precisamos recompensar quem repassar informações. Precisamos ter algumas pessoas do sul em nossas mãos.

Dei meia-volta rapidamente, desejando não ter ouvido aquilo. Eu não apoiaava os rebeldes. Quase sempre eram assassinos. Mas as atitudes do rei nada tinham a ver com justiça.

— Você aí. Pare.

Olhei para trás sem ter certeza se o rei tinha falado comigo. Tinha, e observei enquanto ele escrevia um bilhete.

— Leve isto ao correio. Os rapazes de lá têm o endereço certo.

O rei atirou o bilhete de qualquer jeito na pilha em meus braços, como se não possuísse nenhum valor. Continuei ali, imóvel, com dificuldade de sustentar todo aquele peso.

— Pode ir — ele ordenou enfim. Como sempre, obedeci.

Com muito esforço, levei o monte de cartas até o correio.

Isto não é da sua conta, Aspen. Você está aqui para proteger a monarquia. E isto protege a monarquia.

Concentre-se em America. O mundo ao seu redor pode ir para o inferno. O importante é ter America.

Endireitei-me e fiz o que devia.

— E aí, Charlie?

Ele assobiava enquanto recebia a pilha de cartas.

— Dia cheio hoje.

— Parece que sim. Hum, esta carta... O rei não tinha o endereço à mão mas disse que você teria

— falei, apontando para a carta dirigida a Lamay no topo.

Charlie desdobrou o papel para ver qual era o destinatário e a leu rapidamente. Ao terminar, parecia consternado. Ele olhou para os lados antes de levantar os olhos para mim e perguntar em voz baixa:

— Você leu isto?

Neguei com a cabeça. Engoli em seco, me sentindo culpado por não admitir que já conhecia o conteúdo da carta. Talvez eu pudesse ter evitado, mas estava apenas cumprindo meu dever.

— Humm — Charlie murmurou enquanto girava em sua cadeira. Acabou batendo em uma pilha de cartas já separadas.

— Qual é, Charles? — Mertin reclamou. — Levei três horas para separar isso!

— Desculpe. Vou arrumar. Bom, Leger, duas coisas.

Ele pegou um envelope solitário e me entregou.

— Primeiro: isto chegou para você.

Reconheci imediatamente a letra da minha mãe.

— Obrigado — eu disse, apertando o papel nas mãos, desesperado por notícias.

— Sem problemas — ele respondeu despreocupado. Em seguida, pegou um cesto de arame e prosseguiu:

— Segundo: você poderia me fazer um favor e levar estes restos de papel para a fornalha? É melhor ir imediatamente.

— Claro.

Charlie assentiu. Botei minha carta no bolso para poder segurar melhor o cesto.

As fornalhas ficavam próximas ao quartel dos soldados. Chegando lá, coloquei o cesto no chão antes de abrir a porta cuidadosamente. As brasas estavam meio apagadas, então joguei os papéis aos poucos para que o ar pudesse entrar.

Se não tivesse sido tão cauteloso, provavelmente não teria percebido a carta para Lamay enfiada no meio dos envelopes vazios e pedaços de papel com endereços errados.

Charlie, o que você estava pensando?

Parei uns instantes, pensativo. Se eu a levasse de volta, ele saberia que tinha sido pego. Eu queria que ele soubesse disso? E por acaso queria que ele fosse pego?

Lancei a carta no fogo e observei para ter certeza de que queimaria. Tinha feito o meu trabalho, e o resto da correspondência seria enviado. Não haveria a quem culpar, e muitas vidas seriam poupadadas.

Já havia mortes suficientes, dor suficiente.

Fui embora e lavei as mãos quanto àquilo. A verdadeira justiça eventualmente chegaria para quem estivesse certo ou errado naquela situação. Naquele momento, era difícil dizer.

De volta ao meu quarto, abri o envelope, ansioso por notícias de casa. Não gostava que minha mãe ficasse sem mim. Era reconfortante poder enviar dinheiro a ela, mas sempre me preocupava com a segurança da família.

Parecia que o sentimento era mútuo.

Sei que você a ama, mas não seja burro.

Claro, ela estava dois passos à minha frente e adivinhava coisas sem precisar de muitas evidências. Soube sobre America antes de eu contar; sabia quando eu ficava com raiva mesmo que eu não abrisse a boca. E lá estava ela, do outro lado do país, alertando-me para não fazer algo que tinha certeza de que eu faria.

Observei o papel. O rei parecia estar no meio de um acesso de maldade, mas eu estava certo de que conseguiria me manter longe do seu alcance. Minha mãe nunca dava maus conselhos, mas ela não sabia como eu era bom no meu trabalho. Rasguei a carta e joguei-a na fornalha a caminho do encontro com America.

Eu havia planejado tudo nos mínimos detalhes. Se America chegassem nos próximos cinco minutos, ninguém nos notaria. Sabia que era arriscado, mas não conseguia ficar longe dela. Precisava dela.

A porta rangeu ao abrir, e então se fechou rapidamente.

— Aspen?

Ouvi a voz dela como tantas vezes antes.

— Como nos velhos tempos, hein?

— Onde você está?

Sai de trás da cortina e a ouvi se sobressaltar.

— Você me assustou — ela disse, brincalhona.

— Não foi a primeira vez nem será a última.

America tinha muitas qualidades, mas a discrição não era uma delas. Enquanto tentava chegar até mim no meio da sala, ela bateu no sofá, em duas mesas de canto e tropeçou na borda de um tapete. Não queria deixá-la nervosa, mas ela realmente precisava ser mais cuidadosa.

— Shhh! O palácio inteiro vai saber que estamos aqui se você continuar arrastando as coisas desse jeito — sussurrei, em um tom mais provocativo que preocupado.

Ela riu baixinho.

— Desculpe. Podemos acender a luz?

— Não — respondi, me posicionando melhor em sua direção. — Se alguém notar o brilho debaixo do vão da porta, podemos ser pegos. Esta sala não é muito vigiada, mas não quero vacilar.

Finalmente ela chegou até mim, e o mundo inteiro ficou melhor no segundo em que toquei sua pele. Abracei-a por um instante antes de conduzi-la a um canto.

— Aliás, como você sabia deste lugar?

Dei de ombros.

— Eu sou guarda. E sou muito bom no que faço. Conheço todo o palácio, tanto por fora como por dentro. Cada caminho, cada esconderijo, mesmo os cômodos mais secretos. Por acaso também conheço as rotas de patrulha, as áreas menos vigiadas e as horas em que há menos guardas no palácio. Se um dia você quiser espionar o palácio, eu sou o cara para ajudá-la.

Com uma palavra, ela demonstrou seu orgulho e incredulidade:

— Incrível.

Dei-lhe um cutucão de leve, e ela sentou ao meu lado. Os fracos raios da lua mal a iluminavam. Ela sorriu mas logo ficou séria.

— Você tem certeza de que isso é seguro?

Eu sabia que ela estava lembrando das costas de Woodwork e das mãos de Marlee; que pensava na vergonha e na perda que enfrentaríamos caso fôssemos descobertos. E isso se tivéssemos sorte. Mas eu tinha fé na minha capacidade.

— Confie em mim, Meri. Uma série de coisas extraordinárias teria que acontecer para que nos encontrassem aqui. Estamos seguros.

A dúvida não saiu de seus olhos, mas quando a envolvi com meu braço, ela se recostou em mim, precisando daquele momento tanto quanto eu.

— Como vão as coisas? — Foi bom poder fazer essa pergunta, afinal.

O suspiro forte que ela soltou me pegou de surpresa.

— Tudo bem, acho. Muita tristeza, muita raiva.

Sem perceber, sua mão tinha ido parar instintivamente sobre um ponto da minha perna logo acima do joelho — o lugar exato em que ela brincava com o furo da minha calça jeans. Ela prosseguiu:

— Meu maior desejo é apagar os últimos dois dias e trazer Marlee de volta. Carter também, embora nem o conhecesse.

— Eu o conhecia. Grande cara.

A imagem de sua família passou pela minha cabeça. Me perguntei como estariam sobrevivendo sem seu provedor.

— Parece — continuei — que ele disse a Marlee o tempo todo que a amava e tentou ajudá-la a suportar aquela tortura.

— É verdade. Pelo menos no começo. Fui tirada de lá antes de terminar.

Sorri e beijei-lhe a testa.

— É, ouvi falar sobre isso também.

Um segundo depois de dizer isso, me perguntei por que eu não dissera que tinha *visto* tudo acontecer. Eu já sabia o que ela tinha feito antes de os funcionários começarem a cochichar sobre o assunto. Parecia, contudo, que eu guardara o ocorrido dessa forma: através da surpresa e, geralmente, admiração dos outros.

— Estou orgulhoso de você por não ter saído de lá sem brigar. É a minha garota — concluí.

Ela se aconchegou ainda mais em mim.

— Meu pai também estava orgulhoso. A rainha disse que eu não devia agir daquele modo, mas que estava feliz por mim. Confuso. Como se quase tivesse sido uma boa ideia, mas não. E, no final, não mudou nada.

Abracei-a forte. Não queria que America duvidasse daquilo que era tão natural nela.

— Foi uma boa ideia. Significou muito para mim.

— Para você?

Era estranho admitir minhas preocupações, mas ela precisava saber.

— De vez em quando, fico pensando sobre como a Seleção fez você mudar. Você está rodeada de cuidados, e tudo é tão maravilhoso. Pergunto-me se você é a mesma America. Sua atitude me mostrou que você é, que eles ainda não ganharam você.

— Ah, eles já me ganharam, mas não a esse ponto — ela disparou, com a voz firme. — Na maior parte do tempo, este lugar me lembra de que não nasci para isso.

Então sua raiva se transformou em tristeza. Ela se virou para mim e enterrou a cabeça em meu peito, como se fosse capaz de, com um pouco mais de esforço, esconder-se sob minhas costelas. Eu queria mantê-la em meus braços, tão próxima do meu coração que ela seria praticamente parte dele. Queria espantar toda a dor que viesse em sua direção.

— Ouça, Meri — comecei, sabendo que para chegar às coisas boas é preciso passar pelas ruins —, em relação a Maxon, ele é um ator. Sempre com a expressão perfeita, como se estivesse acima do bem e do mal. Mas ele é só uma pessoa, e tem problemas como todo mundo. Sei que você se preocupa com ele, ou não estaria aqui. Mas você precisa saber que não é real.

Ela assentiu, e tive a sensação de que aquilo não era uma novidade completa para ela, como se uma parte dela sempre tivesse esperado por isso.

— É melhor você saber agora. E se você descobrisse depois do casamento que as coisas são assim?

— Eu sei — ela murmurou. — Andei pensando nisso.

Tentei não ligar para o fato de que ela já tinha imaginado uma vida casada com Maxon. Era parte da experiência. Cedo ou tarde, ela pensaria nisso. Mas era passado.

— Você tem um coração grande, Meri. Eu sei que você não consegue simplesmente deixar as coisas para trás. Mas não há nada de errado em desejar. É isso.

Ela ficou quieta, refletindo sobre minhas palavras.

— Me sinto tão idiota.

— Você não é idiota — discordei.

— Sou sim.

Precisava fazê-la rir.

— Meri, você me acha inteligente?

— Claro — ela respondeu, num tom de voz mais suave.

— É porque eu sou. Na verdade, sou inteligente demais para amar uma menina idiota. Então tente de parar com isso agora.

Ela deu uma risada tão baixa quanto um sussurro, mas suficiente para atravessar a tristeza. Eu mesmo já sofrera muito por causa da Seleção, e agora precisava compreender melhor o sofrimento dela. Ela não tinha pedido para participar do sorteio. Eu tinha. A culpa era minha.

Quis me explicar uma porção de vezes, implorar pelo perdão que ela já me dera. Eu não merecia. Talvez agora. Talvez aquele fosse o momento em que eu finalmente poderia me desculpar.

— Sinto que magoei tanto você — ela falou, a voz carregada de vergonha. — Não entendo como você ainda pode me amar.

Respirei fundo. America agia como se *ela* precisasse de perdão, quando claramente era o contrário.

Não sabia como explicar. Não existiam palavras grandes o suficiente para conter o que eu sentia por ela. Nem mesmo eu conseguia entender tudo aquilo.

— As coisas são assim. O céu é azul, o sol é quente, e Aspen ama America para sempre. O mundo foi feito para ser assim.

Senti sua bochecha se mexer em meu peito, abrindo um sorriso. Se não conseguisse pedir desculpas, talvez pudesse ao menos deixar claro que aqueles últimos minutos na casa da árvore tinham sido um erro. Continuei:

— De verdade, Meri, você é a única garota que desejei na vida. Não posso imaginá-la com outra pessoa. Tentei me preparar para isso, caso acontecesse, e... não consegui.

Quando faltaram palavras, nossos corpos falaram. Nada de beijos, apenas abraços silenciosos; eles eram tudo de que precisávamos. Senti tudo o que sentira em Carolina, e tive a certeza de que podíamos voltar a ser como antes. Talvez até mais.

— Não podemos ficar muito tempo mais aqui — avisei, desejando que não fosse verdade. — Confio muito na minha habilidade, mas não quero forçar.

Ela se levantou, contrariada. Puxei-a para um último abraço, na esperança de que ele fosse suficiente para me sustentar até que pudesse vê-la novamente. Ela me apertou com força, como se estivesse com medo de me deixar ir. Eu sabia que os próximos dias seriam difíceis para ela, mas independente do que acontecesse, eu estaria ao seu lado.

— Sei que é difícil de acreditar, mas sinto muito por Maxon ter se mostrado tão ruim. Queria você de volta, mas não queria vê-la magoada. Principalmente, não desse jeito.

— Obrigada — ela resmungou.

— É sério.

— Eu sei — ela disse, hesitante. — Ainda não acabou. Não enquanto eu estiver aqui.

— É, mas eu conheço minha garota. Você vai continuar para que sua família receba o dinheiro e a gente possa se ver. Só que Maxon só teria uma chance se pudesse voltar no tempo.

Apoiei o queixo sobre sua cabeça e a mantive perto de mim o máximo que pude.

— Não se preocupe, Meri. Tomarei conta de você.



Tinha a vaga sensação de estar sonhando. America estava do outro lado do salão, amarrada a um trono. Maxon apoiava a mão em seu ombro e tentava subjugá-la. Os olhos dela, cheios de preocupação, estavam cravados nos meus, e ela lutava para tentar chegar até mim. O olhar dele era ameaçador; Maxon parecia muito com o pai naquele momento.

Eu sabia que precisava chegar até ela e desamarrá-la para fugirmos. Mas não conseguia me mexer. Eu também estava amarrado, a uma estrutura igual à de Woodwork. O medo percorreu minha espinha, um medo frio e paralisante. Não importava o quanto tentássemos, jamais seríamos capazes de salvar um ao outro.

Maxon caminhou até uma almofada e pegou uma coroa sofisticada para colocar na cabeça de America. Embora seu olhar estivesse desconfiado, ela não lutou quando ele a pousou sobre seus cabelos ruivos e brilhantes. Só que a coroa não ficava parada. Escorregava vez após vez.

Inabalável, Maxon tirou do bolso algo similar a um gancho com duas pontas. Ele ajeitou a coroa e a fixou com o gancho na cabeça de America. Assim que o grampo penetrou, senti duas facadas intensas nas costas e gritei de dor. Esperei pelo sangue, mas ele não veio.

Em vez disso, observei o sangue brotar dos grampos na cabeça de America, misturando-se com o vermelho de seus cabelos e grudando em sua pele. Maxon sorria enquanto prendia grampo após grampo. Eu gritava cada vez que um deles rasgava a pele de America. Horrorizado, assistia o sangue jorrar de debaixo da coroa e afogá-la.

Acordei de repente. Havia meses que não tinha um pesadelo desses, e nunca tivera um com America. Sequei o suor da testa, lembrando a mim mesmo que aquilo não era real. Ainda assim, a dor dos grampos ecoava em minha pele e eu me sentia tonto.

Imediatamente, meus pensamentos foram a Woodwork e Marlee. No meu sonho, eu teria assumido toda a dor se isso pouasse o sofrimento de America. Será que Woodwork sentiria o mesmo? Será que desejara ser castigado duas vezes para poupar Marlee?

— Tudo certo, Leger? — Avery perguntou.

O quarto ainda estava escuro; ele devia ter escutado minha agitação.

— Sim, desculpe. Foi um pesadelo.

— Tudo bem. Também não estou conseguindo dormir direito.

Me virei para ele, apesar de não conseguir enxergar nada. Apenas militares de alta patente tinham quartos com janelas.

— O que houve? — perguntei.

— Não sei. Podemos conversar um pouco?

— Claro.

Avery sempre fora um ótimo amigo. O mínimo que eu podia fazer era ceder a ele alguns minutos do meu sono.

Escutei-o sentar, ponderando o que diria.

— Andei pensando sobre Woodwork e Marlee. E sobre a senhorita America — começo.

— Sobre o quê, especificamente? — perguntei, me sentando também.

— No começo, quando vi a senhorita America correr para Marlee, fiquei com raiva. Por acaso ela era burra? Woodwork e Marlee haviam cometido um erro e precisavam pagar por isso. O rei e o príncipe Maxon tinham que manter o controle, certo?

— Certo.

— Mas então as criadas e os mordomos começaram a falar sobre o assunto e de certa forma elogiar a senhorita America. Aquilo não fez sentido para mim, porque eu achava que ela tinha agido errado. Só que, bem, eles estão aqui há muito mais tempo do que nós. Devem ter visto muito mais coisas. Talvez saibam de algo. E se sabem, e consideram que a senhorita America tinha razão para fazer o que fez... então o que eu não sei?

Entrávamos em terreno perigoso. Avery, contudo, era meu amigo — o melhor que já tivera. Confiaria minha vida a ele, e o palácio era um lugar onde um aliado podia ser muito útil.

— É uma ótima pergunta. Faz a gente pensar.

— Exatamente. É como quando estou de guarda no gabinete do rei. O príncipe está lá trabalhando, aí sai para fazer alguma coisa. O rei Clarkson então pega o trabalho do príncipe e desfaz metade. Por quê? Será que não podia ao menos explicar para o filho? Eu achava que ele o estivesse treinando.

— Não sei. Controle?

Assim que pronunciei a palavra, me dei conta de que era uma explicação verdadeira, ao menos em parte. Às vezes suspeitava que Maxon não sabia completamente o que se passava. Continuei:

— Talvez Maxon não seja tão competente quanto o rei acha que deveria ser a essa altura.

— E se o príncipe for *mais* competente e o rei não gostar?

Contive o riso.

— Difícil acreditar. Maxon parece distraído o tempo todo.

— Hum... — Avery se mexia na escuridão. — Talvez você esteja certo. Parece que as pessoas julgam Maxon diferente do rei. E falam da senhorita America como se a considerassem a futura princesa, caso pudesse escolher. Se ela é desobediente, talvez o príncipe Maxon também seja, não?

Os questionamentos de Avery levantavam hipóteses que eu não queria admitir. Será que Maxon estava contra o pai? Se sim, será que também estava contra a coroa e tudo o que ela representava?

Nunca fui fã da monarquia, e acho que não seria capaz de odiar pra valer alguém que a combatesse.

Meu amor por America, por outro lado, era maior do que qualquer outra coisa. E como Maxon estava entre mim e esse amor, nada do que ele dissesse ou fizesse seria capaz de torná-lo uma pessoa decente aos meus olhos.

— Não sei — respondi honestamente. — Ele não evitou o que aconteceu com Woodwork.

— É, mas isso não quer dizer que tenha compactuado — Avery disse, já bocejando. — É o que eu acho. Somos treinados para observar todos que chegam ao palácio e procurar segundas intenções. Talvez devêssemos fazer o mesmo com as pessoas que já estão aqui.

Achei graça.

— Acho que você está certo — reconheci.

— Claro que estou. Sou o cérebro de toda essa operação — ele falou, ajeitando os cobertores e deitando novamente.

— Então é hora de dormir, cabeça. Precisaremos da sua inteligência amanhã — brinquei.

— É para já.

Ele ficou em silêncio talvez por um minuto antes de abrir a boca novamente:

— Ei, obrigado por ouvir.

— Quando quiser. Não é para isso que servem os amigos?

— É — ele concordou no meio de outro bocejo. — Sinto falta de Woodwork.

Suspirei.

— Eu sei. Também sinto.



As injeções não me incomodavam tanto, mas ardiam muito durante a hora seguinte à aplicação. O pior é que me davam uma espécie de energia pulsante e esquisita que durava quase o dia inteiro. Não era raro encontrar um punhado de guardas correndo em círculos no jardim ou assumindo as tarefas mais pesadas só para gastá-la. O doutor Ashlar fazia questão de limitar o número de soldados que a recebiam por dia.

— Soldado Leger — o médico chamou.

Entrei em seu consultório e fiquei de pé ao lado do pequeno leito perto de sua mesa. A ala hospitalar era grande o bastante para acomodar a todos, mas era melhor fazer aquilo individualmente.

Ele me cumprimentou com um aceno, e baixei a calça alguns centímetros. Me recusava a estremecer quando o antisséptico frio tocava minha pele ou quando a agulha a perfurava.

— Pronto — ele disse contente. — Converse com Tom sobre as vitaminas e os suplementos.

— Sim, senhor. Obrigado.

A picada latejava a cada passo que eu dava, mas não queria demonstrar.

Tom me entregou algumas pílulas e um pouco de água. Depois de engoli-las, rubriquei um papelzinho e recebi meu dinheiro, que deixei no quarto antes de sair para cortar lenha. A necessidade de me mexer já era incontrolável.

Cada machadada liberava um pouco do meu desespero. Me sentia sobre carregado com as injeções, as perguntas de Avery e aquele sonho sinistro.

Pensei no que o rei dissera sobre America ser uma das descartáveis. A vitória dela parecia improvável no momento, já que estava tão decepcionada com Maxon. Ainda assim, me perguntei: o que aconteceria se a vencedora fosse alguém que o rei nunca quisesse que levasse a coroa?

E se Marlee era mesmo uma das favoritas — talvez até a escolha pessoal do rei —, em quem ele estaria apostando suas fichas agora?

Tentei me concentrar, mas meus pensamentos ficavam turvos devido a meu desejo insaciável de movimento. Desferi golpes e mais golpes, só parando duas horas mais tarde, por não haver mais nada que cortar.

— Há uma floresta inteira ali atrás se você precisar de mais.

Me virei e dei com o velho tratador de cavalos, que sorria.

— Acho que já acabei — respondi. Enquanto recuperava o fôlego, tinha certeza de que os piores efeitos da injeção já tinham passado.

Ele se aproximou.

— Você parece melhor. Mais calmo.

Ri, sentindo a medicação se estabilizar na corrente sanguínea.

— Hoje eu precisava queimar um tipo diferente de energia.

Ele sentou no toco que servia de apoio para as toras; parecia bem à vontade. Eu não fazia ideia do que pensar sobre aquele cara.

Esfreguei as mãos suadas na calça, tentando pensar no que dizer.

— Ei, desculpe pelo outro dia. Não era minha intenção ser chato. Eu...

Ele ergueu a mão para que eu parasse por ali e emendou:

— Sem problemas. Eu também não queria pressionar você. É que já vi muitas pessoas deixarem o mal ao seu redor torná-las duras ou teimosas. No fim das contas, perdem a chance de tornar o mundo um lugar melhor porque só conseguem enxergar o pior.

Continuei com a sensação de que algo em seu rosto e em seu tom de voz me era familiar.

— Sei o que você quer dizer — falei, chacoalhando a cabeça. — Não quero ser assim, mas sinto raiva demais. Às vezes tenho a sensação de saber demais. Ou de que fiz coisas que não posso consertar. E isso não sai da minha cabeça. E quando vejo acontecer algo que não deveria acontecer...

— Você não sabe direito o que fazer.

— Exatamente.

Ele concordou com a cabeça e acrescentou:

— Bom, eu começaria pensando sobre as coisas boas. Depois, perguntaria a mim mesmo como posso torná-las ainda melhor.

Eu ri.

— Isso não faz sentido.

— Pense a respeito — ele falou, endireitando o corpo.

Na volta para o palácio, tentei me lembrar de onde o conhecia. Talvez ele vivesse em Carolina antes de ir trabalhar lá. Montes de Seis costumavam vagar pelo país. Independente de onde ele esteve e das coisas que viu, não deixou que nada o abatesse. Eu devia ter perguntado seu nome, mas nos encontrávamos tanto que imaginei que logo toparia com ele novamente. Quando eu não estava com um péssimo humor, ele até que parecia um cara bem bacana.

Depois de me lavar, segui em direção ao quarto, ainda pensando nas palavras do tratador de cavalos. Quais eram as coisas boas? Como melhorá-las?

Peguei o envelope em que guardava o dinheiro. Não precisava gastar um centavo no palácio, então enviaava tudo para a minha família. Geralmente.

Rabisquei um bilhete para minha mãe:

Desculpe não ser muito desta vez. Tive que usar para outra coisa. Envio mais semana que vem. Amo vocês, Aspen.

Enfiei pouco menos da metade do meu salário e a carta no envelope. Então peguei outra folha de papel.

Eu sabia de cor o endereço de Woodwork; já o escrevera dúzias de vezes. O analfabetismo era mais comum do que muita gente imaginava, mas Woodwork tinha tanto medo de ser tachado de burro ou inútil que fui o único guarda a quem ele confiou esse segredo.

Dependendo de uma série de fatores — lugar, tamanho da escola, se tinha muitos Sete —, era possível receber uma década de educação e não aprender quase nada.

Não é que Woodwork tenha caído nas lacunas do sistema educacional — ele fora jogado em um grande abismo.

Agora, não fazíamos ideia de onde estava, como estava, ou se Marlee continuava a seu lado.

Senhora Woodwork,

É o Aspen. Todos sentimos muito pelo seu filho. Espero que a senhora esteja bem. Aqui vai o que sobrou do último soldo dele. Queria garantir que a senhora recebesse. Cuide-se.

Ponderei se deveria escrever mais. Não queria que ela pensasse que estava recebendo esmolas, por isso achei melhor ser breve. Mas talvez, de tempos em tempos, eu pudesse enviar algo a ela anonimamente.

A família era boa, e Woodwork ainda estava por aí. Eu precisava tentar ajudá-los.



Esperei até ter certeza de que todos dormiam e então abri a porta de America. Fiquei empolgado ao encontrá-la ainda acordada. Eu passara o dia desejando que ela me esperasse, e o jeito que ela inclinou a cabeça e se aproximou de mim me deu a impressão de que já esperava me encontrar naquela noite.

Como sempre, deixei a porta aberta e me ajoelhei ao lado da cama.

— Como vão as coisas?

— Tudo bem, acho. — Dava para notar por sua voz que não era bem assim. — Celeste me mostrou este artigo hoje. Não sei se quero falar disso. Estou tão cansada dela.

Qual era o problema daquela garota? Será que se achava capaz de torturar os outros e conseguir a coroa através de trapaças? Sua presença contínua no palácio era mais um exemplo do péssimo gosto de Maxon.

— Acho que com Marlee fora, ele vai demorar para dispensar alguém, não?

Ela deu de ombros de maneira tão triste e breve que parecia ter gasto toda sua energia no gesto.

— Ei — chamei, pondo a mão sobre seu joelho —, vai ficar tudo bem.

America abriu um sorriso fraco.

— Eu sei. Só sinto saudades dela. E estou confusa.

— Confusa sobre o quê? — perguntei, ajeitando-me em uma posição mais confortável para ouvir. Sua resposta veio desesperada.

— Sobre tudo: o que faço aqui, quem sou eu. Pensei que soubesse... — ela esfregou as mãos, como se quisesse escolher as palavras certas. — Não sei nem explicar direito.

Olhei para America e me dei conta de que a perda de Marlee e a descoberta do verdadeiro caráter de Maxon a tinham exposto a verdades que ela não queria enxergar. Isso desfez seu encanto talvez rápido demais. Parecia paralisada, receosa de dar qualquer passo por não conhecer as armadilhas ao longo do caminho. America tinha me visto perder o pai e aguentar as chibatadas de Jemmy, e testemunhou minha luta para manter minha família segura e alimentada. Mas ela só *vira* tudo isso; nunca sentira na pele. Sua família estava intacta — com exceção de seu irmão idiota —, e ela nunca perdera nada de verdade.

Talvez com exceção de você, imbecil, parte de mim acusava. Afastei o pensamento. O foco no momento

era ela, não eu.

— Você sabe quem é, Meri. Não deixe eles mudarem você.

Ela mexeu a mão, como se estivesse prestes a tocar a minha. Só que não o fez.

— Aspen, posso lhe perguntar uma coisa?

Seu rosto ainda estava repleto de preocupações. Concordei com a cabeça.

— É meio estranho. Se para ser princesa eu não precisasse casar com ninguém, se fosse apenas um cargo que eu pudesse escolher, você acha que eu seria capaz?

Eu esperava qualquer coisa, menos aquilo. Foi difícil crer que ela ainda considerava a hipótese de se tornar princesa. Mas talvez não considerasse. Era só uma especulação, e ela tinha dito que pensava naquilo sem estar ao lado de Maxon.

Levando em conta a maneira como ela tinha lidado com tudo que acontecera em público, pude imaginar que se sentiria impotente ao enfrentar as coisas que se passavam atrás de portas fechadas. America era boa em várias coisas, mas...

— Perdão, Meri. Não acho. Você não é calculista como eles — respondi, tentando demonstrar que não era um insulto. Na verdade, estava feliz por ela não ser esse tipo de pessoa.

Ela franziu as sobrancelhas finas.

— Calculista? Como assim?

Soltei um suspiro, tentando pensar em como explicar sem entrar em muitos detalhes.

— Estou em toda parte, Meri, e escuto muita coisa. Há muita agitação no sul, nas áreas com grande concentração de castas inferiores. Segundo os guardas mais antigos, essas pessoas nunca concordaram muito com os métodos de Gregory Illéa, e já faz tempo que há conflitos na região. Dizem por aí que foi por isso que o rei ficou fascinado pela rainha. Ela veio do sul, e sua escolha acalmou as coisas por uns tempos. Parece que já não é mais assim.

Ela refletiu sobre minhas palavras e comentou:

— Isso não explica o que você quis dizer com calculista.

O que poderia acontecer se eu compartilhasse com ela o que sabia? Ela tinha mantido nosso relacionamento em segredo por dois anos. Podia confiar nela.

— Outro dia, antes dessa história de Halloween, eu estava em um dos escritórios. Eles discutiam sobre simpatizantes dos rebeldes no sul. Pediram-me que levasse umas cartas para a ala postal em segurança. Havia mais de trezentas cartas, America. Trezentas famílias rebaixadas de casta por não terem denunciado alguma coisa ou por terem ajudado alguém que o palácio considerava uma ameaça.

Ela chegou a perder o ar, e pude notar dezenas de situações se desenrolando diante de seus olhos.

— Eu sei — continuei. — Dá para imaginar? E se fosse você? Você só sabe tocar piano, e de repente, tem que arrumar emprego em um escritório. Como encontrar um emprego na área? A mensagem é bem clara.

A preocupação dela mudou de foco.

— E Maxon... ele sabe disso?

Era uma boa pergunta.

— Acho que sim. Falta pouco para ele governar sozinho.

Ela assentiu. Deixei que absorvesse a informação junto com todas as outras que descobriria recentemente sobre seu “namorado”.

— Não conte para ninguém, certo? Um deslize como esse poderia custar meu emprego — alertei, acrescentando mentalmente: “e muitas outras coisas”.

— Claro. Já esqueci.

Seu tom de voz era leve e tentava mascarar suas preocupações. Seu esforço me fez sorrir.

— Sinto saudades de estar com você, longe de tudo isso. Saudades dos nossos problemas de antes — lamentei. O que eu não daria para estar irritado porque ela tinha me preparado um jantar...

— Entendo o que você quer dizer — ela disse, com um riso sincero. — Andar às escondidas pelo meu quintal é tão mais fácil do que no palácio.

— E desdobrar-me para arrumar uma moedinha para você era melhor que não ter nada para oferecer — acrescentei, dando uma batidinha no jarro ao lado de sua cama. Sempre achei um bom sinal ela mantê-lo por perto mesmo antes de eu chegar ao palácio. — Eu não sabia que você guardava todas até a véspera da sua partida — completei, lembrando do impressionante peso que senti quando America virou o jarro sobre minhas mãos.

— Claro que eu guardava! — ela exclamou, orgulhosa. — Quando você estava longe, elas eram tudo o que me restava. Às vezes, eu as despejava em cima da cama só para juntá-las de novo. Era bom ter algo que você tinha tocado.

Ela era como eu. Nunca peguei nada dela para guardar, mas armazenava cada momento como se fosse um objeto. Eu repassava essas memórias sempre que as coisas estavam mais calmas. Passava mais tempo com ela do que ela jamais imaginara.

— O que você fez com elas? — America quis saber.

Abri um sorriso.

— Estão em casa, esperando.

Antes de America partir para a Seleção, eu tinha guardado um pouco de dinheiro para me casar com ela. Mais recentemente, pedi à minha mãe que separasse um pouco de cada pagamento para mim. Tinha certeza de que ela sabia qual era o destino daquele dinheiro. Mas entre todas as minhas economias, aquelas moedinhos eram a coisa mais preciosa.

— Esperando o quê?

Um casamento decente. Alianças de verdade. Nossa casa própria.

— Isso eu não posso dizer.

Eu lhe contaria tudo em breve. Ainda estávamos percorrendo nosso caminho de volta um para o outro.

— Ótimo — ela falou, fingindo estar irritada. — Guarde seus segredos. E não se preocupe por não ter nada para me dar. Já estou feliz por tê-lo aqui, por finalmente podermos acertar as coisas, mesmo que não seja como nos velhos tempos.

Franzi a testa. Estábamos assim tão distantes do que já tínhamos sido? Tão distantes que ela precisava afirmar com todas as letras? Não. Não para mim. Ainda éramos os mesmos de Carolina, e eu precisava fazer com que se lembresse disso.

Queria dar o mundo a ela, mas tudo o que tinha no momento eram as roupas do corpo. Olhei para baixo, arranquei um botão e o ofereci a ela.

— Literalmente, não tenho nada mais a oferecer, mas você pode agarrar-se a isto, uma coisa que toquei, e pensar em mim a qualquer hora. Pode ter certeza de que estarei pensando em você também.

Ela pegou o botãozinho dourado da minha mão e olhou para ele como se eu lhe tivesse dado a lua. Seus lábios tremiam e ela respirava devagar, como se estivesse prestes a chorar. Talvez eu tivesse estragado tudo.

— Não sei como fazer isso agora — confessou. — Sinto que não sei mais fazer nada. Eu... eu não esqueci você, certo? Você ainda está aqui.

Ela levou a mão ao peito, e vi seus dedos se cravarem na pele, na tentativa de acalmar o que quer que se passasse em seu coração.

Sim, ainda havia um longo caminho a percorrer, mas sabia que passaria rápido se o percorrêssemos juntos.

Sorri. Já não precisava saber mais.

— Isso basta para mim.



Eu tinha ouvido falar do chá para as moças da Elite e sabia que America não estaria no quarto quando batia na porta.

— Soldado Leger — Anne disse ao abrir, com um grande sorriso. — Que prazer em vê-lo.

A essas palavras, Lucy e Mary se aproximaram para me cumprimentar.

— Olá, soldado Leger — Mary disse.

— A senhorita America não está no momento. Chá com a família real — Lucy acrescentou.

— Ah, eu sei. Gostaria de conversar com as senhoritas um momento.

— Claro — Anne disse, indicando o interior do quarto.

Caminhei até a mesa, e as três logo puxaram a cadeira para mim.

— Não — insisti. — Vocês é que devem sentar.

Mary e Lucy ocuparam os dois assentos. Anne e eu ficamos de pé.

Tirei o chapéu e apoiei a mão no encosto da cadeira de Mary. Queria que ficassem à vontade para falar comigo e esperava que deixar a formalidade de lado ajudasse.

— Em que podemos ajudar? — Lucy perguntou.

— Estou apenas verificando a segurança. Queria saber se vocês notaram alguma coisa incomum.

Pode parecer bobo, mas os mínimos detalhes podem nos ajudar a manter as garotas da Elite seguras.

Era verdade, mas não era exatamente da nossa alçada ir atrás dessas informações.

Anne inclinou a cabeça, ponderando. Já Lucy cravou os olhos no teto, pensativa.

— Acho que não — Mary quebrou o silêncio.

— De diferente, só o fato de a senhorita America estar menos ativa desde o Halloween — comentou Anne.

— Por causa de Marlee? — chutei.

Todas confirmaram com a cabeça.

— Acho que ela ainda não superou — Lucy disse. — Não que eu a culpe por isso.

— Claro que não — Anne disse, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Então além de frequentar o Salão das Mulheres e comparecer às refeições, ela praticamente só fica no quarto?

— Sim — Mary confirmou. — A senhorita America já tinha feito isso antes, mas ultimamente parece que quer ficar escondida.

A partir disso, deduzi duas coisas importantes. Primeiro: America já não passava tempo a sós com Maxon. Segundo, nossos encontros ainda passavam despercebidos, mesmo para as pessoas mais próximas a ela.

Os dois detalhes inflaram meu coração de esperança.

— Há algo mais que a gente deva fazer? — Anne perguntou.

Achei graça. Era o tipo de questão que eu teria feito se fosse ela, para tentar me antecipar aos problemas.

— Acho que não. Prestem atenção nas coisas que veem e escutam, como sempre, e sintam-se à vontade para me contar diretamente se acharem que algo está errado.

Seus rostos estavam ansiosos para agradar.

— Você é um guarda maravilhoso, soldado Leger — Anne elogiou.

Neguei com a cabeça.

— É apenas meu trabalho. E, como vocês sabem, a senhorita America é da minha província. Quero cuidar dela.

Foi a vez de Mary se dirigir a mim:

— Acho tão engraçado vocês dois virem da mesma província e agora você ser praticamente o guarda-costas dela. Vocês moravam perto em Carolina?

— Mais ou menos — tentei manter nossa proximidade vaga.

Lucy abriu um sorriso radiante.

— Você chegou a conhecê-la mais nova? Como ela era na infância?

Não consegui conter um sorriso.

— Topei com ela algumas vezes. Era uma menina moleque. Sempre na rua com o irmão. Teimosa feito uma mula e, pelo que lembro, muito, mas muito talentosa.

Lucy achou graça.

— Então, praticamente a mesma de sempre — ela comentou, e todos riram.

— Praticamente — confirmei.

Essas palavras alimentaram ainda mais os sentimentos em meu peito. America era familiar para mim por mil razões. E, sob os vestidos de gala e as joias, essas razões ainda estavam lá.

— Preciso descer. Não quero perder o *Jornal Oficial*.

Estendi o braço sobre as garotas para apanhar o chapéu.

— Talvez seja bom irmos com você — Mary sugeriu. — Está quase na hora.

— Claro.

O *Jornal Oficial* era o único programa de televisão que os funcionários podiam assistir. E havia apenas três lugares para tal: a cozinha, a oficina onde as criadas costuravam e um amplo espaço de convivência que era mais usado como local de trabalho do que como área de lazer. Eu preferia a cozinha. Anne foi à frente, com Lucy e Mary logo atrás, junto comigo.

— Eu ouvi algo sobre visitas, soldado Leger — Anne disse, fazendo uma pausa para conversar. —

Mas pode ser apenas boato.

— Não, é verdade — repliquei. — Não sei detalhes, mas ouvi que chegarão duas comitivas.

— Viva! — Mary exclamou, sarcástica. — Serei condenada a passar toalhas de mesa de novo. Ei, Anne, seja sua tarefa qual for, podemos trocar? — perguntou, acorrendo a Anne. Logo as duas estavam discutindo sobre as tarefas que ainda nem tinham recebido.

Ofereci o braço a Lucy.

— Madame.

Ela sorriu, passou a mão pelo meu braço e empinou o nariz.

— Senhor.

Atravessamos o corredor. Enquanto as três conversavam sobre afazeres incompletos e vestidos com barra por fazer, me dei conta de que costumava ficar muito feliz quando passava o tempo com as criadas de America.

Podia ser Seis com elas.

Sentei no balcão com Lucy de um lado e Mary do outro. Anne circulava pedindo silêncio, pois o *Jornal Oficial* estava prestes a começar.

Cada vez que as câmeras focavam nas garotas, eu notava algo de errado. America parecia deprimida. Pior: estava tentando disfarçar, e falhava miseravelmente.

O que a preocupava tanto?

Pelo canto do olho, vi Lucy retorcendo as mãos.

— O que houve? — sussurrei.

— Alguma coisa está errada com a minha senhorita. Posso ver em seu rosto.

Lucy levou a mão à boca e começou a roer as unhas.

— O que será que aconteceu com ela? — continuou. — A senhorita Celeste parece pronta para dar o bote. O que faremos se ela ganhar?

Pus a mão em seu colo e, milagrosamente, ela se acalmou e me lançou um olhar maravilhado. Tinha a impressão de que as pessoas ignoravam o nervosismo de Lucy.

— A senhorita America ficará bem.

Ela concordou, sentindo-se recomfortada por minhas palavras.

— Mas eu gosto dela — Lucy cochichou. — Quero que fique. Parece que todo mundo vai embora quando quero que fiquem.

Então Lucy tinha perdido alguém. Talvez muitas pessoas. Passei a entender um pouco melhor seus problemas de ansiedade.

— Bom, você vai ter que me aturar pelos próximos quatro anos — comentei, dando-lhe uma leve cutucada. Ela sorriu e segurou as lágrimas nos olhos.

— Você é muito simpático, soldado Leger. Todas achamos isso — ela disse, passando o dedo pelos cílios.

— Bom, vocês também são senhoritas muito simpáticas. Sempre fico feliz em vê-las.

— Não somos senhoritas — ela respondeu, baixando o olhar.

Discordei:

— Se Marlee ainda é uma senhorita por ter se sacrificado por alguém que amava, então vocês com certeza também são. Na minha opinião, vocês se sacrificam todos os dias. Cedem seu tempo e sua energia aos outros, o que é exatamente a mesma coisa.

Reparei que Mary deu uma olhada na nossa direção antes de voltar a encarar a televisão. Anne também deve ter escutado minhas palavras, porque parecia inclinada para ouvir melhor.

— Você é o melhor guarda que temos, soldado Leger.

Sorri.

— Quando estamos aqui em baixo, podem me chamar de Aspen.

Olhar para a parede perdia a graça depois de meia hora montando guarda. Já passava muito da meia-noite, e tudo o que eu podia fazer era esperar o amanhecer. Pelo menos meu tédio significava que America estava segura.

O dia tinha passado sem grandes acontecimentos, exceto pela confirmação da chegada de visitas.

Mulheres. Muitas mulheres.

Em parte, ficava animado com a notícia. As damas que visitavam o palácio tendiam a ser menos agressivas fisicamente. Suas palavras, porém, poderiam deflagrar guerras se ditas na entonação errada.

Os membros da Federação Alemã eram velhos amigos, o que nos favorecia em termos de segurança. Os italianos eram uma caixinha de surpresas.

Pensei em America a noite inteira, imaginando o que significava sua expressão no *Jornal Oficial*. Contudo, não sabia ao certo se devia perguntar sobre isso. Deixaria em suas mãos: se sentisse vontade de contar, eu ouviria. Por ora, ela precisava se concentrar no que vinha adiante. Quanto mais tempo ela ficasse no palácio, mais tempo eu a teria comigo.

Alonguei os ombros e ouvi meus ossos estalarem. Só mais algumas horas. Aprumei o corpo e flagrei um par de olhos azuis me espiando da ponta do corredor.

— Lucy?

— Oi — ela respondeu, entrando no corredor. Logo atrás vinha Mary, trazendo um pequeno cesto coberto por um pano.

— A senhorita America tocou o sino para chamá-las? Está tudo bem? — perguntei, colocando a mão sobre a maçaneta para abrir a porta para as duas.

Lucy pôs a mão delicada no peito; parecia nervosa.

— Ah, está tudo bem. Hum, viemos ver se você estava aqui.

Fiz uma cara de estranhamento e afastei a mão da maçaneta.

— Bem, eu estou. Precisam de algo?

Elas trocaram olhares antes de Mary falar:

— Reparamos que você tem feito muitos turnos nos últimos dias. Imaginamos que poderia estar com fome.

Mary puxou o pano do cesto, revelando uma pequena seleção de pães, bolos e brioches que provavelmente tinham sobrado dos preparativos para o café da manhã.

Abri um sorriso no canto da boca.

— É muita gentileza de vocês, mas, primeiro, não posso comer no trabalho; e segundo, acho que vocês já repararam que sou um cara bem forte.

Flexionei o braço, arrancando risinhos das duas.

— Posso tomar conta de mim mesmo — concluí.

— Sabemos que você é forte — Lucy disse, inclinando a cabeça para o lado —, mas aceitar ajuda também é um tipo de força.

Suas palavras quase me deixaram sem ar. Desejei que alguém tivesse dito aquilo para mim meses antes. Eu poderia ter evitado tanta dor...

Observei o rosto das duas. Elas lembravam America naquela última noite na casa da árvore: esperançosas, empolgadas, ternas. Meus olhos se voltaram para o cesto de comida. Eu continuaria com isso? Afastaria as poucas pessoas que me davam a sensação de ser eu mesmo?

— O plano é o seguinte: se alguém aparecer, vocês dizem que me imobilizaram no chão e me forçaram a comer. Combinado?

Mary sorriu e estendeu o cesto.

— Combinado.

Peguei um pedaço do pãozinho de canela e dei uma mordida.

— Vocês também vão comer, certo? — perguntei enquanto mastigava.

Lucy esfregou as mãos com entusiasmo antes de caçar algo no cesto. Mary logo fez o mesmo.

— Então, como estão as imobilizações de vocês? — brinquei. — Quer dizer, preciso garantir que nossa história seja convincente.

Lucy cobriu a boca com a mão enquanto ria.

— Por incrível que pareça, isso não faz parte do nosso treinamento.

Arregalei os olhos.

— Como assim? São as coisas mais importantes por aqui. Limpar, servir e lutar em combates corpo a corpo.

Ambos riam enquanto comiam.

— É sério — continuei. — Quem é a responsável? Vou escrever uma carta para ela.

— Vamos comentar com a chefe das criadas pela manhã — Mary prometeu.

— Ótimo — concordei, para logo em seguida dar outra mordida e balançar a cabeça, fingindo indignação.

Mary engoliu o pedaço que estava em sua boca e disse:

— Você é tão engraçado, soldado Leger.

— Aspen.

Ela sorriu novamente e continuou:

— Aspen. Você vai ficar depois que acabar o serviço obrigatório? Tenho certeza de que se você se inscrever, o palácio irá aceitá-lo como guarda permanente.

Depois que me tornara Dois, meu desejo era continuar como soldado... mas no palácio?

— Acho que não. Minha família está em Carolina. Tentarei servir lá se puder.

— Que pena — Lucy sussurrou.

— Não fique triste ainda. Tenho quatro anos pela frente.

Ela abriu um sorrisinho.

— Verdade.

Mas dava para notar que Lucy ainda não estava bem. Lembrei de seu comentário mais cedo, de que as pessoas com quem se importava tendiam a ir embora. Me senti ao mesmo tempo feliz e incomodado por, de algum modo, ter me tornado importante para ela. Ela era importante para mim, claro. Assim como Anne e Mary. Só que meu contato com as três se dava quase exclusivamente através de America. Como eu tinha me tornado importante para elas?

— Sua família é grande? — Lucy quis saber.

Fiz que sim com a cabeça.

— Três irmãos: Reed, Beckner e Jemmy, e três irmãs: Kamber e Celia, que são gêmeas, e Ivy, a mais nova. Mais a minha mãe.

Mary começou a cobrir o cesto de novo.

— E seu pai? — ela perguntou.

— Morreu faz alguns anos.

Eu finalmente podia contar isso sem desmoronar por dentro. Antes, falar da morte do meu pai me dava uma sensação de fraqueza, porque eu ainda precisava dele. Todos precisávamos. Mas tive sorte. Às vezes, os pais de família simplesmente desapareciam em meio às castas inferiores, deixando suas famílias para trás, para lutarem sozinhas ou perecerem.

Meu pai, porém, fez o possível até o fim. A vida sempre seria difícil por sermos Seis, mas ele nos mantinha numa situação estável, para termos um pouco de orgulho do que fazíamos e de quem éramos. Eu queria ser como ele.

Os pagamentos eram melhores no palácio, mas eu proveria melhor minha família se estivesse mais perto de casa.

— Sinto muito — Lucy disse suavemente. — Minha mãe também morreu há alguns anos.

Saber que Lucy havia perdido a pessoa mais importante de sua vida fez com que eu redesenhasse a imagem que tinha dela na cabeça, preenchendo todas as lacunas.

— Nunca mais é a mesma coisa, não é?

Ela sacudiu a cabeça e baixou os olhos para o tapete.

— Ainda assim — falou —, precisamos buscar as coisas boas.

Ela levantou o rosto, e pude entrever uma exígua esperança em sua expressão. Não consegui tirar os olhos dela.

— Curioso você dizer isso.

Ela olhou para Mary e depois para mim.

— Por quê?

Dei de ombros.

— Apenas é.

Enfiei o último pedaço de pão na boca e limpei os farelos dos dedos.

— Obrigado, senhoritas, pela comida, mas é melhor vocês irem. Não é lá muito seguro circular pelo palácio à noite.

— Tudo bem — Mary disse. — Já estava na hora de melhorarmos nossas habilidades na luta corpo a corpo mesmo.

— Pule sobre Anne — aconselhei. — Nunca subestime o elemento surpresa.

Ela riu novamente.

— Não vamos subestimar. Boa noite, soldado Leger — ela se despediu, já seguindo pelo corredor.

— Esperem — pedi.

Ambas pararam. Indiquei a parede com uma passagem secreta.

— Não querem ir pelos fundos? Eu ficaria bem mais aliviado — sugeri.

Elas sorriram.

— Sem problemas.

Mary e Lucy acenaram ao passar por mim. Quando chegaram até a parede, Mary puxou a maçaneta, mas Lucy cochichou algo. Mary concordou com a cabeça e sumiu escadaria abaixo, e Lucy voltou até mim.

Ela remexia as mãos, seu tique nervoso reaparecendo à medida que se aproximava.

— Não sou... Não sou boa com palavras — ela confessou, balançando o corpo de leve. — Só queria agradecer por ser tão simpático conosco.

— Não é nada — respondi, balançando a cabeça.

— Para nós, é.

Seus olhos estavam cheios de uma intensidade que eu nunca vira antes. Ela continuou:

— Não importa o número de vezes que as criadas da lavanderia ou da cozinha nos digam que temos sorte, não nos sentimos assim a não ser que alguém admire nosso trabalho. A senhorita America faz isso, o que não esperávamos. E você também faz. Vocês dois são bondosos sem se esforçarem para isso — ela abriu um sorriso ao dizer as palavras. — Só achei que você devia saber o quanto isso é importante. Talvez ainda mais para Anne, mas ela nunca admitiria.

Eu não sabia como reagir. Depois de refletir por uns instantes, a única coisa que me veio à mente foi:

— Obrigado.

Lucy assentiu e, incerta do que dizer, partiu rumo à passagem na parede.

— Boa noite, senhorita Lucy.

Ela se virou para mim, e parecia que eu tinha lhe dado o melhor presente do mundo.

— Boa noite, Aspen.

Quando ela se foi, meus pensamentos se voltaram para America. Ela aparentara muita preocupação no *Jornal Oficial*, mas me perguntei se tinha noção da mudança que seu comportamento causava nas pessoas ao seu redor. Seu pai tinha razão: ela era boa demais para o palácio.

Eu precisava arrumar tempo para lhe dizer o quanto ela ajudava as pessoas sem perceber. Por ora,

esperava que ela estivesse descansando, sem se preocupar com seja lá o que estivesse...

Meus pensamentos foram interrompidos por três mordomos que passaram correndo por mim; um deles chegou a tropeçar. Enquanto seguia para o fim do corredor para descobrir do que corriam, a sirene soou.

Nunca a escutara antes, mas sabia o que aquele som significava: rebeldes.

Disparei de volta e escancarei a porta do quarto de America. Se havia correria, talvez já estivéssemos em desvantagem.

— Drogas, droga, droga — resmunguei. America precisava se vestir o mais rápido possível.

— Hein? — ela disse, sonolenta.

Roupas. Precisava encontrar roupas.

— Levante-se, Meri! Onde estão seus malditos sapatos?

Ela jogou o cobertor longe e levantou, dando com os pés em cima dos sapatos.

— Aqui. Preciso do roupão — ela disse, apontando para ele enquanto ajeitava os sapatos. Fiquei feliz por ter entendido a urgência rapidamente.

Peguei o roupão todo dobrado ao pé da cama e comecei a procurar o lado certo.

— Deixe para lá. Eu carrego.

Ela o arrancou da minha mão e eu a apressei até a porta.

— Você precisa correr — alertei. — Não sei o quanto perto estão.

Ela concordou com a cabeça. Dava para sentir a adrenalina pulsando dentro de mim. Envolvei America em meus braços na escuridão, embora soubesse que aquele não era o momento para isso.

Pressionei meus lábios contra os dela, enroscando a mão em seus cabelos e a puxando para mim. Idiotice. Muita, muita idiotice. Mas parecia certo em milhares de sentidos. A sensação era de que fazia uma eternidade desde a última vez que tínhamos nos beijado tão profundamente, mas nos deixamos envolver sem dificuldades. Seus lábios eram cálidos, e o gosto familiar de sua pele ainda estava lá. Debaixo de um leve aroma de baunilha, reencontrei seu cheiro: o aroma natural exalado por seu cabelo, suas bochechas e seu pescoço.

Eu poderia ter ficado ali a noite inteira, e percebi que ela também, mas precisava levá-la a um abrigo.

— Vá. Agora — ordenei, empurrando-a para o corredor. Não olhei para trás ao dobrar a esquina. Me preparei para encarar o que quer que estivesse à minha espera.

Saquei o revólver e olhei para os lados em busca de algo suspeito. Vi o rastro do vestido de uma criada que entrava em um dos abrigos secretos. Esperava que Lucy e Mary já tivessem chegado até Anne e as três estivessem escondidas, longe do perigo.

Ao ouvir o som inconfundível de disparos, avancei pelo corredor rumo à escadaria principal. Pelo barulho, os rebeldes estavam concentrados apenas no primeiro andar. Ajoelhei no canto da parede à espera dos passos que se aproximavam.

Instantes depois, alguém correu escada acima. Levei menos de um segundo para identificá-lo como um intruso. Mirei e atirei, atingindo o homem no braço. Gemendo, o rebelde caiu para trás, e vi um guarda saltar para capturá-lo.

Ouví um estrondo na outra ponta do corredor. Os rebeldes tinham descoberto a escada lateral e subiam para o segundo andar.

— Se encontrarem o rei, matem-no! Levem o que conseguirem carregar. Eles precisam saber que estivemos aqui! — alguém berrava.

Me aproximei o mais silenciosamente possível daquela gritaria, me escondendo pelos cantos e olhando várias vezes antes de seguir adiante. Quando me virei, notei outros dois uniformes. Gesticulei para que se abaixassem e se movessem devagar. Quando chegaram mais perto, identifiquei Avery e Tanner. Eu não podia ter pedido reforços melhores. Avery era muito bom de mira, e Tanner sempre se esforçava além do seu dever, já que tinha mais a perder do que os outros.

Tanner era um dos poucos soldados recrutados depois de casado. Já nos contara várias vezes como a esposa reclamava por ele usar a aliança no polegar — o anel pertencera a seu avô, mas eles não tinham dinheiro para mandar ajustar. Ele prometeu à mulher que essa seria a primeira coisa com que gastaria ao voltar para casa, junto com uma aliança melhor para ela.

Ela era a America dele. Mantinha sempre a concentração por causa dela.

— O que houve? — Avery sussurrou.

— Acho que acabei de ouvir o líder. Ordenou que os rebeldes matassem o rei e roubassem o que fosse possível.

Tanner se levantou, com a arma em punho, em posição de espreita.

— Precisamos encontrá-los para garantir que estejam seguindo para os andares de cima, longe do abrigo — falou.

Assenti.

— Talvez sejam mais do que damos conta, mas se agirmos discretamente, acho que...

Na outra ponta do corredor, uma porta se abriu de repente. Um mordomo corria com dois rebeldes em seu encalço. Tratava-se do jovem mordomo, o da cozinha. Parecia perdido e aterrorizado. Os rebeldes aparentemente carregavam ferramentas de fazenda, então pelo menos não poderiam devolver nossos tiros.

Virei na direção deles, estabilizei o peso do corpo e mirei.

— Pro chão! — gritei para o mordomo, que obedeceu.

Acertei um dos rebeldes na perna. Avery acertou o outro, mas seu tiro, intencionalmente ou não, pareceu muito mais letal.

— Vou amarrar os dois — Avery avisou. — Encontrem o líder.

Vi o mordomo levantar e correr para um dos quartos. Não importava que qualquer um poderia entrar ou sair facilmente; ele precisava da ilusão de segurança.

Escutei mais gritos, mais disparos, e concluí que aquele era um dos ataques pesados. Tentei me concentrar. Tinha uma missão, e ela era tudo o que eu podia enxergar.

Tanner e eu nos esgueiramos até o terceiro andar. Pelo caminho, encontramos várias mesas, obras de arte e vasos destruídos. Um rebelde pichava a parede com uma espécie de tinta pastosa que certamente trouxera consigo. Me aproximei rapidamente por trás e lhe dei uma coronhada. Ele caiu, e eu abaixei para revistá-lo atrás de armas.

No instante seguinte, uma nova leva de disparos soou na outra ponta do corredor. Tanner me arrastou para trás de um sofá tombado. Quando o barulho cessou, espimos para calcular o perigo.

— Conto seis rebeldes — ele disse.

— Eu também. Posso pegar dois, talvez três.

— Isso basta. Os outros devem correr. Ou talvez estejam armados...

Olhei ao redor. Com o estilhaço de um espelho quebrado, cortei uma tira do estofado do sofá e enrolei no vidro.

— Use isto se chegarem perto demais.

— Boa — Tanner comentou, antes de mirar nos rebeldes. Fiz o mesmo.

Os disparos foram rápidos, e cada um de nós acertou dois rebeldes antes de os outros dois correrem na nossa direção, e não na contrária. Lembrando das ordens de manter os rebeldes vivos para interrogatório, mirei nas pernas, mas eles se moviam tão depressa que errei os tiros.

Tanner e eu observamos os dois: o primeiro, enorme, desviou para o lado de Tanner; o outro, um cara mais velho, descabelado e com um olhar insano, veio na minha direção. Guardei a arma e me preparei para a briga.

— Drogue. Você ficou com o mais fácil — Tanner comentou antes de saltar uma cadeira e avançar com toda a força contra seu oponente.

Eu estava uma fração de segundo atrás. O rebelde mais velho se aproximou aos berros, suas mãos curvadas como garras. Agarrei um de seus braços e feri seu peito com a faca improvisada.

Ele não era lá muito forte; parte de mim chegou a ter pena. Ao segurar seu braço, pude sentir seus ossos facilmente.

Ele gemeu e caiu de joelhos. Puxei seus braços e pernas para trás e os amarrei. Enquanto dava o nó, alguém me agarrou pelas costas e me atirou contra um retrato na parede, me fazendo cortar a testa no vidro.

Fiquei atordoado. O sangue atrapalhava minha visão, tornando difícil reagir. Senti uma ponta de pânico antes de relembrar meu treinamento. Abaixei, e ele me segurou pelos ombros novamente. Como uma alavanca, lancei o corpo dele para a frente.

Apesar de ser muito maior que eu, o rebelde se estatelou no chão coberto de destroços. Procurei uma corda mais resistente, mas logo caí sob o peso de outro rebelde.

Eu estava imobilizado, com os braços presos por um homem gigante que sentava sobre a minha barriga.

— Me leve até o rei — ele ordenou. Sua voz era áspera; seu hálito fétido e pantanoso.

Sacudi a cabeça.

Ele soltou meus braços e me segurou pelo colarinho, se aproximando do meu rosto. Antes que eu pudesse atacá-lo com as mãos, ele bateu minha cabeça no chão, me atordoando mais uma vez. Minha cabeça girava e comecei a sentir falta de ar. O rebelde apertava meu crânio, me obrigando a encará-lo.

— ONDE ESTÁ O REI?

— Não sei — respondi ofegante, lutando contra a dor na minha cabeça.

— Vamos lá, rapazinho — ele provocou. — Entregue o rei, e pode ser que saia dessa vivo.

Eu não podia revelar o abrigo. Apesar de odiar o que o rei fazia, entregá-lo implicava entregar America, e isso estava fora de questão.

Eu podia mentir. Ganhar tempo suficiente para escapar da situação.

Ou podia morrer.

— Quarto andar — menti. — Sala escondida na ala leste. Maxon está lá também.

Ele riu, deixando escapar o hálito nojento.

— Não foi difícil, foi?

Permaneci calado.

— Se você tivesse me contado quando perguntei pela primeira vez, talvez eu não tivesse que fazer isto.

Ele pôs as mãos em volta do meu pescoço e começou a apertar. Mais uma tortura para minha cabeça, que àquela altura parecia que ia explodir. Minhas pernas se debatiam e ergui a cintura na tentativa de tirá-lo de cima de mim. Inútil. Ele era simplesmente grande demais.

Senti meus membros pararem de funcionar. Todo o oxigênio escapava do meu corpo.

Quem contaria à minha mãe?

Quem cuidaria da minha família?

... pelo menos beijei America uma última vez.

... última vez.

... vez.

Em meio à tortura, ouvi um disparo e senti o enorme rebelde perder as forças e cair para o lado. Minha garganta emitia ruídos bizarros ao puxar o ar novamente para dentro do corpo.

— Leger? Você está bem?

Minha visão escurecia, então não pude enxergar o rosto de Avery. Mas ouvia sua voz. Era o suficiente.

Após o ataque, o comando militar fez uma reunião na ala hospitalar, já que muitos soldados estavam internados.

— Encaramos como um sucesso a perda de apenas dois homens esta noite — o comandante anunciou. — Considerando o número de rebeldes, nossas poucas baixas são um testemunho a favor do treinamento e da capacidade de cada um de vocês.

Ele fez uma pausa, como se esperasse nossos aplausos, mas estávamos exaustos demais para isso.

— Detivemos vinte e três rebeldes para julgamento após interrogatório, o que é fantástico. Contudo, estou desapontado com a contagem de corpos — nesse momento, ele nos encarou. — *Dezesete. Dezesete* rebeldes mortos.

Avery baixou os olhos. Já tinha confessado que dois eram dele.

— Vocês não devem matar, a não ser que outro soldado esteja sob ameaça direta, ou que a família real seja atacada. Precisamos dessa escória viva para os interrogatórios.

Escutei uns muxoxos pela enfermaria. Eu não gostava daquela ordem. Poderíamos acabar as coisas muito mais rápido se simplesmente eliminássemos os rebeldes que invadiam o palácio. Mas o rei queria suas respostas, e diziam por aí que havia torturas especiais para extrair informações dos rebeldes. Esperava nunca descobrir quais eram.

— Dito isso, todos vocês fizeram um excelente trabalho para proteger o palácio e reprimir o ataque. Quem não estiver entre os poucos pacientes graves pode seguir a escala habitual. Se possível, durmam um pouco, e preparem-se. O dia será longo com o palácio nesse estado.

O chefe dos mordomos achou melhor que a família real e as garotas da Elite realizassem suas tarefas do lado de fora enquanto os funcionários trabalhavam para deixar o palácio apresentável de novo. As visitantes da Federação Alemã e da realeza italiana chegariam em poucos dias, e as criadas já estavam sobre carregadas com os preparativos.

O sol escaldante, o cansaço extremo e o uniforme engomado me deixavam desconfortável. Somando-se a isso a dor terrível do machucado na minha cabeça, as feridas ocultas do estrangulamento e

um ferimento na perna que eu nem sabia como tinha adquirido, estava praticamente em frangalhos.

A única coisa boa daquele dia era poder ficar perto de America. Ela estava sentada ao lado de Kriss, planejando a organização do evento. Com exceção de Celeste, nunca tinha visto America irritada com as outras garotas, mas sua linguagem corporal denunciava que ela não estava feliz com a companhia. Kriss, porém, parecia completamente alheia a isso; não parava de falar com America e, de tempos em tempos, lançava um olhar para Maxon. Fiquei incomodado ao notar que America fazia o mesmo, mas duvidei que seus sentimentos tivessem mudado. Como ela poderia olhar para ele e não lembrar dos gritos de Marlee?

As tendas e mesas espalhadas pelo gramado davam a impressão de que a família real estava realizando uma festa no jardim. Se não tivesse visto com meus próprios olhos, jamais adivinharia que o palácio havia sido saqueado. Todos ali costumavam esquecer os ataques e seguir em frente.

Não sabia se ignoravam os ataques porque pensar muito sobre eles os tornava mais assustadores, ou simplesmente porque não havia tempo a perder. Ocorreu-me que, se a família real parasse para pensar sobre os ataques, talvez descobrissem um jeito melhor de impedi-los.

— Não sei nem por que me dou ao trabalho — o rei disse, um pouco alto demais. Em seguida, entregou um papel a alguém e ordenou discretamente: — Apague as anotações de Maxon; só servem para causar distrações.

Enquanto essas palavras preenchiam meus ouvidos, minha visão era ocupada apenas pelo olhar de America. Ela me observava atentamente. Pude notar sua preocupação com as bandagens na minha cabeça e com meus passos mancos. Pisquei para ela na tentativa de acalmá-la. Não tinha certeza se conseguiria passar o dia inteiro fazendo rondas e depois ainda pegar o posto de guarda na frente de seu quarto à noite. Mas se esse fosse o único meio de...

— Rebeldes! Corram!

Olhei depressa para os portões do palácio. De certo alguém se confundira.

— O quê? — perguntou Markson.

— Rebeldes! Dentro do palácio! — berrou Lodge. — Estão chegando!

Vi a rainha levantar num piscar de olhos e, sob a proteção de suas criadas, correr para uma entrada secreta na lateral do palácio.

O rei juntou sua papelada. No lugar dele, estaria mais preocupado com meu pescoço do que com qualquer informação vazada, seja qual fosse.

America ainda estava em sua cadeira, paralisada. Dei um passo em sua direção, mas Maxon entrou na minha frente e jogou Kriss em meus braços.

— Corra! — ordenou.

Hesitei um pouco, pensando em America.

— Corra! — repetiu.

Fiz o que era preciso e disparei a correr; Kriss não parava de gritar o nome de Maxon. Em poucos segundos, tiros já ecoavam, e o palácio foi inundado por uma multidão composta quase igualmente por rebeldes e soldados.

— Tanner! — gritei, impedindo-o de seguir para a batalha.

Botei Kriss em seus braços e instruí:

— Siga a rainha.

Ele obedeceu sem questionar, e voltei para buscar Meri.

— America, não! Volte! — Maxon gritava.

Segui seu olhar repleto de pânico e vi America correndo freneticamente para a floresta com rebeldes em seu encalço.

Não.

O ritmo dos disparos dos guardas acentuava os passos de America, apressados e arriscados. Os rebeldes, com suas sacolas lotadas, quase a alcançavam. Pareciam mais jovens e atléticos que os da noite anterior. Cheguei a me perguntar se não eram seus filhos, tentando terminar o que os pais haviam começado.

Saquei o revólver e me posicionei. Estava com a nuca de um rebelde na mira. Disparei três tiros rápidos. Errei todos quando ele ziguezagueou e correu para trás de uma árvore.

Maxon ensaiou uns passos desesperados rumo à floresta, mas seu pai o agarrou antes de ele ir longe demais.

— Parem! — Maxon gritou, livrando-se do braço do pai. — Vocês vão acertá-la! Cessar fogo!

Embora America não fosse da família real, eu duvidava que alguém ficaria bravo caso matássemos aqueles rebeldes sem mais delongas. Corri para a frente, posicionei-me de novo e atirei duas vezes. Nada.

Maxon me agarrou pelo colarinho.

— Eu disse cessar fogo!

Apesar de eu ser uns cinco centímetros mais alto do que ele, e geralmente considerá-lo um covarde, a fúria em seus olhos naquele momento impunha respeito.

— Perdão, senhor.

Ele me soltou com um empurrão, para depois me dar as costas e passar a mão no cabelo. Nunca o tinha visto tão consternado. Me lembrou de seu pai quando estava prestes a explodir.

Tudo que ele demonstrava por fora, eu sentia por dentro. Uma das garotas da Elite desaparecera; a única mulher que eu já amara estava perdida. Não sabia se ela seria capaz de correr mais rápido que os rebeldes ou encontrar um esconderijo. Meu coração acelerava de medo e se despedaçava com o desespero ao mesmo tempo.

Prometera a May que não deixaria ninguém machucá-la. Falhei.

Olhei para trás, sem saber ao certo o que esperava encontrar. As garotas e os funcionários já estavam seguros. Não havia ninguém além do príncipe, do rei e de uns dez guardas.

Maxon finalmente nos encarou. Sua expressão era a de um animal enjaulado.

— Encontrem-na. Encontrem-na agora! — berrou.

Considerei a possibilidade de simplesmente correr floresta adentro, na tentativa de alcançar America antes dos rebeldes. Mas como a encontraria?

Markson deu um passo à frente.

— Venham, rapazes. Vamos nos organizar.

Fomos atrás dele.

Meus passos estavam vacilantes e eu tentava me acalmar. Precisava estar atento a tudo. *Vamos encontrá-la*, prometi a mim mesmo. *Ela é mais forte do que imaginam*.

— Maxon, vá para junto de sua mãe — ouvi o rei ordenar.

— O senhor não pode estar falando sério. Como posso ficar em um abrigo enquanto America está desaparecida? Ela pode estar morta!

Olhei para trás e vi Maxon se contorcer e arfar, quase vomitando só de pensar naquilo.

O rei Clarkson endireitou o corpo de Maxon, agarrando-o firme pelos ombros, e o sacudiu.

— Recomponha-se! Precisamos de você a salvo. Vá. Agora.

Maxon cerrou os punhos e flexionou levemente os cotovelos; por uma fração de segundo, pensei seriamente que daria um soco no pai.

Talvez escapasse à minha alcada, mas tive certeza de que o rei poderia acabar com Maxon se quisesse. Eu não desejava a morte do cara.

Depois de ofegar algumas vezes, Maxon soltou-se das garras do pai e seguiu para o palácio, pisando firme.

Logo voltei os olhos para a floresta, torcendo para que o rei não notasse que alguém tinha testemunhado a cena. Eu pensava cada vez mais sobre a insatisfação do rei com o trabalho do filho, mas depois disso, não pude deixar de considerar que a coisa ia muito além de algumas anotações erradas na papelada.

Por que alguém preocupado com a segurança do filho agiria de maneira tão... *agressiva* com ele?

Me juntei aos outros soldados bem quando Markson começava a falar:

— Algum de vocês tem familiaridade com esta floresta?

Todos permanecemos calados.

— É muito grande e, como vocês podem ver, fica bastante densa após alguns metros de caminhada. As muralhas do palácio se estendem por mais de cem metros floresta adentro até se encontrarem. Esse trecho do muro, porém, não está com a manutenção em dia. Os rebeldes não teriam dificuldade para pular pela parte danificada, especialmente se levarmos em conta como foi fácil que superassem os trechos mais fortes da barreira, na frente.

Maravilha.

— Vamos nos espalhar numa linha de frente e avançar devagar. Devemos procurar pegadas, objetos caídos, galhos quebrados... qualquer coisa que sirva de pista até o lugar para onde a levaram. Quando escurecer, voltamos para buscar lanternas e reforços.

Então ele encarou cada um de nós e concluiu suas orientações:

— Não quero voltar de mãos abanando. Ou recuperamos a senhorita com vida, ou o seu corpo, mas não deixaremos o rei ou o príncipe sem respostas esta noite. Entendido?

— Sim, senhor! — gritei, e os outros fizeram o mesmo.

— Ótimo. Espalhem-se.

Tínhamos avançado poucos metros quando Markson estendeu o braço e me deteve.

— Você está mancando muito, Leger. Tem certeza de que pode participar? — perguntou.

Meu sangue subiu e fiquei a ponto de explodir, como Maxon alguns minutos antes. Nada me impediria de ir atrás dela.

— Estou perfeitamente bem, senhor — assegurei.

Markson me examinou novamente.

— Precisamos de uma equipe forte. Talvez você devesse ficar.

— Não, senhor — repliquei rapidamente. — Nunca desobedeci ordens, senhor. Não me force a fazer isso agora.

Meu olhar era absolutamente sério, e ele certamente o notou quando o encarei, determinado a prosseguir. Ele abriu um leve sorriso quando assentiu e seguiu seu caminho em direção às árvores.

— Tudo bem. Vamos.

Tudo parecia em câmera lenta. Gritávamos por America e parávamos à espera de uma resposta; várias vezes, a brisa mais leve ou o ruído mais suave bastavam para nos enganar. De vez em quando alguém descobria uma pegada, mas a terra estava tão seca que a trilha se desfazia dois passos à frente, nos deixando apenas com a sensação de tempo perdido. Duas vezes encontramos pedaços de tecido presos em arbustos, mas nada que correspondesse às roupas que America vestia. O pior foi encontrar algumas poucas gotas de sangue. Ficamos uma hora parados para examinar a copa de cada árvore, analisar cada grão de terra que poderia ter sido revirado por passos.

A noite começava a cair e logo perderíamos a luz.

Enquanto os outros avançavam, fiquei para trás por um minuto. Em qualquer outra circunstância, teria achado tudo aquilo lindo. A luz, filtrada pelas folhas, parecia o espírito dos raios de sol. As árvores tocavam-se no alto, como se estivessem desesperadas por companhia. A sensação geral que o lugar provocava era de fascínio.

E eu precisava me preparar para a possibilidade real de voltar sem America. Pior: podia voltar com seu cadáver nos braços.

Doía só de pensar. Pelo que eu lutaria no mundo senão por ela?

Eu estava em busca das coisas boas. E ela era a única coisa boa em mim.

Segurei as lágrimas e permaneci forte. Só precisaria continuar lutando.

— Certifiquem-se de ter vasculhado todos os lugares — Markson relembrhou. — Se a mataram, podem tê-la pendurado ou tentado enterrá-la. Atenção.

As palavras dele renovaram minha dor, mas me esforcei por continuar.

— Senhorita America! — gritei.

— Estou aqui!

Apurei os ouvidos, com medo demais de acreditar.

— Estou aqui! — a voz repetiu.

America apareceu correndo, suja e descalça. Guardei a arma e abri os braços para ela.

— Graças aos céus — eu disse, aliviado.

Quis beijá-la naquele mesmo instante, mas saber que ela estava respirando, e nos meus braços, teria

que basta.

— Estou com ela! Está viva! — avisei os outros e observei uniformes vindo na nossa direção.

Ela tremia um pouco e dava para perceber que ainda estava atordoada com toda aquela situação.

Não ligava para o ferimento na perna: America ficaria em meus braços de qualquer jeito. Peguei-a no colo e ela se segurou no meu pescoço.

— Estava com muito medo de encontrar seu corpo por aí — admiti. — Você está ferida?

— Um pouco, nas pernas.

Olhei para baixo e vi uns arranhões cobertos de sangue. De modo geral, tivemos sorte.

Markson parou na nossa frente, tentando esconder sua felicidade por encontrá-la.

— Senhorita America — perguntou —, você tem algum ferimento?

— Apenas uns arranhões na perna.

— Eles tentaram machucá-la?

— Não. Eles não me pegaram.

Essa é a minha garota.

Todas as expressões eram um misto de choque e alegria com a notícia, mas Markson certamente era o mais contente.

— Penso que nenhuma das outras garotas correria mais rápido do que eles.

America suspirou, aliviada, e sorriu.

— Nenhuma das outras é uma Cinco.

Comecei a rir, assim como os outros. Nem toda experiência nas castas inferiores era inútil.

— Bom argumento — Markson comentou, dando um tapinha nas minhas costas sem tirar os olhos de America. — Vamos levá-la de volta.

Ele liderou o caminho, gritando mais algumas instruções.

— Sei que você é rápida e esperta, mas fiquei apavorado — contei a ela durante o percurso.

Ela levou os lábios ao meu ouvido e confessou:

— Menti para o oficial.

— O que você quer dizer? — cochichei de volta.

— Eles chegaram a me alcançar.

Encarei-a, imaginando o que seria tão ruim a ponto de ela não querer contar na frente dos outros.

— Não fizeram nada, mas uma menina me viu — America continuou. — Ela fez uma reverência e foi embora.

Fiquei aliviado e, em seguida, confuso.

— Reverência?

— Também fiquei surpresa. Ela não parecia brava ou ameaçadora. Na verdade, parecia uma garota normal.

Depois de uma pausa, acrescentou:

— Ela estava com livros, um monte de livros.

— Parece que isso acontece bastante — contei. — Ninguém faz ideia do que fazem com eles. Meu palpite é que usam para fazer fogueiras. Acho que é frio onde eles vivem.

Cada vez ficava mais evidente que os rebeldes queriam apenas arruinar tudo o que o palácio possuía: obras de arte, muralhas ou mesmo a sensação de segurança... E tomar as estimadas posses do rei para simplesmente tacar fogo era como mostrar um enorme dedo do meio para a monarquia.

Se eu não tivesse vivenciado pessoalmente a crueldade que os rebeldes eram capaz de demonstrar, teria achado graça.

Os outros soldados estavam tão próximos que ficamos calados pelo resto da caminhada, mas a distância ficava mais curta com America tão perto de mim. Cheguei a desejar que o percurso fosse maior. Depois do que acontecera, não queria sequer perdê-la de vista.

— Os próximos dias talvez sejam cheios para mim, mas tentarei vê-la em breve — sussurrei quando o palácio despontou no horizonte. Era hora de devolvê-la a eles.

— Tudo bem — ela disse, se inclinando na minha direção.

— Leger, leve-a ao doutor Ashlar, e tire o dia de folga. Você fez um bom trabalho hoje — Markson disse, dando tapinhas nas minhas costas mais uma vez.

Os corredores estavam repletos de funcionários, que ainda limpavam os vestígios do primeiro ataque. As enfermeiras na ala hospitalar vieram tão depressa que não tive tempo de falar com America novamente. Mas ao deitá-la no leito e reparar em seu vestido esfarrapado e suas pernas arranhadas, não pude deixar de pensar que era culpa minha. Olhando em retrospecto para a origem de tudo aquilo, tive certeza que sim. Já estava na hora de começar a consertar o estrago.

America dormia quando me esgueirei até a ala hospitalar naquela noite. Ela estava mais limpa, mas seu rosto ainda demonstrava preocupação, mesmo em repouso.

— Oi, Meri — sussurrei ao me aproximar de seu leito.

Ela não se mexeu. Não ousei sentar, nem mesmo com a desculpa de que estava verificando se a garota que salvei passava bem. Permaneci de pé, vestido com o uniforme recém-passado que usaria apenas pelos poucos minutos necessários para desabafar.

Estendi a mão para tocá-la, mas desisti. Olhei bem em seu rosto adormecido e comecei a falar:

— Eu... eu vim pedir desculpas. Por hoje. Quer dizer... — respirei fundo. — Eu devia ter corrido atrás de você. Devia ter protegido você. Mas não fiz nada disso, e você quase morreu.

Breves contrações em seus lábios indicavam que America sonhava.

— Para ser honesto, peço desculpas por muito mais do que isso — admiti. — Sinto muito por ter perdido a cabeça na casa da árvore. Sinto muito por ter dito para você enviar aquele formulário idiota. É que eu sempre achei... — engoli em seco — sempreachei que com você eu poderia fazer as coisas direito.

Fiz uma pausa antes de continuar:

— Não consegui salvar meu pai. Não consegui proteger Jemmy. Mal posso sustentar minha família, então pensei que talvez pudesse dar a você a chance de uma vida melhor do que a que eu tinha a oferecer. E convenci a mim mesmo de que esse era o jeito certo de amá-la.

Observei-a por alguns instantes, desejando que eu tivesse coragem para confessar essas coisas quando

ela estivesse em condições de responder e dizer como eu errei.

— Não sei se posso desfazer minhas escolhas, Meri. Não sei se voltaremos a ser como antes. Mas não vou deixar de tentar. Eu vivo por você — disse, dando de ombros. — Você é a única coisa pela qual eu já quis lutar.

Havia muito mais a dizer, mas ouvi a porta da ala hospitalar se abrindo. Mesmo no escuro, o terno de Maxon era inconfundível. Tratei de me retirar, com a cabeça baixa, para dar a impressão de que estava apenas fazendo a ronda.

Ele sequer notou minha presença. Mal olhou para mim enquanto seguia em direção ao leito de America. Observei-o puxar uma cadeira e sentar ao seu lado.

Não pude evitar o ciúme. Desde aquele primeiro dia no apartamento do irmão dela — desde o momento em que descobri o que sentia por America —, fora obrigado a amá-la de longe. Mas Maxon podia sentar ao seu lado, tocar sua mão: o abismo entre suas castas não importava.

Detive-me à porta, sem tirar os olhos da cena. A Seleção havia desgastado o laço entre mim e America, e Maxon era uma lâmina afiada, capaz de cortá-lo completamente se chegassem perto demais. E eu não tinha uma ideia clara do quanto perto America o deixava chegar.

Tudo o que podia fazer era esperar, e dar a America o tempo de que ela parecia precisar. Para ser sincero, o tempo de que nós todos precisávamos.

Só o tempo poderia resolver nossa situação.



ROBBIE POFF

Kiera Cass nasceu em 1981, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formou-se em história na Universidade de Radford, na Virginia, e publicou seu primeiro livro, *The Siren*, em 2009, em uma edição independente. Beijou aproximadamente catorze garotos em sua vida, mas nenhum deles era um príncipe.

Copyright © 2014 by Kiera Cass

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Guard

PREPARAÇÃO Nathália Dimambro

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-950-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

SUMÁRIO

Capa

Rosto

O guarda

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

Sobre o autor

Créditos